

**UM *BEIJO* PRA VOCÊS:**

**LITERATURA E IMPRENSA ALTERNATIVA, ANOS 70<sup>1</sup>**

Maria Lucia de Barros Camargo

*Seria interessante fazer um jornal que se deslocasse da posição de onipotência; seriam interessantes os leitores que deslocassem os jornais de sua posição de onipotência: o fim da polarização? A tempo, a pergunta: beijemo-nos?*

Rodrigo F. Naves

No Brasil da ditadura militar, periódicos publicados à margem da grande imprensa e em oposição ao poder vigente – conhecidos em geral como “imprensa alternativa” – proliferaram exatamente quando e onde se via, à época, um vazio. Veículos de uma “cultura de resistência”, constituíram, efetivamente e ao contrário do que se poderia supor, a forma hegemônica de produção cultural letrada no Brasil dos anos 70<sup>2</sup>. Como se constata, esse periodismo de resistência surge, se fortalece, entra em decadência e desaparece no mesmo compasso de sua contraface, a ditadura militar, a qual, ao tentar “proibir” e controlar a produção cultural através da censura e dos órgãos de repressão, acabou fomentando a melhor parte da produção cultural do período.

Dentre esse amplo e heterogêneo conjunto de publicações periódicas, um efêmero jornal chama a atenção tanto pela importância que lhe atribuem alguns dos textos sobre a “imprensa alternativa” quanto, ao mesmo tempo e paradoxalmente, pela ausência de trabalhos ou ensaios a ele dedicados. Estou me referindo ao jornal *Beijo*, publicado no Rio de Janeiro entre novembro de 1977 e maio de 1978. Ou talvez tenha sido até junho de 1978. O fato é que boa parte dos textos que se referem a esta publicação afirmam que foram publicados seis números, sendo que o número 6 está datado de maio de 1978. Mas talvez tenha existido um sétimo número, a que não tivemos acesso: nossa coleção do *Beijo* no acervo do NELIC conta com seis números, ou seja, falta-nos o misterioso sétimo e último. Em fins de 2005, num contato com o próprio Júlio Cesar Montenegro, um dos editores, perguntei-lhe acerca da existência ou não do

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa “Poéticas contemporâneas”, apoiado pelo CNPq.

<sup>2</sup> Já tratei desse tema em outro ensaio: “Resistência e crítica: revistas culturais brasileira nos tempos da ditadura”. Cf. Bibliografia citada.

sétimo número e das possibilidades de colocarmos uma cópia digitalizada do *Beijo* 1 a 6 em nosso site na internet. Em resposta, recebi este interessante e-mail, que diz muito do espírito lúdico que animou o jornal e que se colocava, na verdade, como resistência tanto ao autoritarismo da direita quanto ao autoritarismo das esquerdas:

[...]. Não se preocupe com direitos autorais em relação ao *Beijo*, único produto da Editora Boca Ltda. (eram tempos de censura ditatorial...), porque foi uma breve e divertida experiência anarquista onde os 40 que participavam eram igualmente “sócios”, sem donos ou editores ou redatores “chefes”. A recusa em seguir as regras e usos vigentes na imprensa, estatuir outras, ou construir pedestais para estatuar personalidades era tão visceral que a única individualidade a sair na capa foi o peão Domingos entrevistado em *A Questão Agrária no Brasil*, cujo exemplar vocês têm<sup>3</sup>. Lembro de quando se comemorava 10 anos de maio de 68 (a “imprensa” tem mania de comemorar datas “cheias”...) e o *Beijo* fez uma capa em que estava escrito Novembro, 1977 (sei lá, mas era um ano qualquer<sup>4</sup>). Quando perguntavam o que havia acontecido no tal mês, a gente respondia **ironicamente**: “nada, o mundo parou no dia 31 de outubro e só voltou a funcionar em 1º de dezembro”. Os espíões da ditadura ficaram ouriçados com uma carta (inventada) que o mensário teria recebido das Brigadas Vermelhas, mas não conseguiram contato com nossa “redação” na Lapa que vivia fechada enquanto meu apartamento no Humaitá ficava com a pequena sala lotada em reuniões divertidas. Não sei se os leitores se divertiam lendo ao menos a metade do que a gente produzindo ou mesmo vendendo: “quer um *Beijo*?” Pois é, acho que falta um *Beijo* pra vocês.

Montenegro

Algumas das características do *Beijo* elencadas por Montenegro – “experiência anarquista”, repúdio às “regras e usos vigentes na imprensa”, ironia, atribuição errônea, humor – são visíveis nas páginas do jornal, mas pouco lembradas pela crítica. De modo geral, quando o *Beijo* é mencionado, destacam-se os seus “vínculos” com a contracultura, a crítica à esquerda tradicional, a temática ligada ao comportamento e à sexualidade. Assim, em um artigo publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, podemos ler, ao lado de uma imagem da capa do número 2 do *Beijo*: “Política, cultura, sociologia, comportamento, sexo: com pauta ampla e corpo editorial em que predominavam jovens intelectuais e poetas da Zona Sul do Rio de Janeiro, *Beijo* (1977, seis números apenas) foi dos primeiros alternativos a criticar a rigidez da

---

<sup>3</sup> Ver todas as capas no anexo. É curioso observar a contracapa desse mesmo número, também com uma foto, agora anônima, mas altamente reveladora do tom lúdico e irônico que marca este periódico.

<sup>4</sup> Trata-se da capa do número 5, em anexo, e o ano citado, como se vê, é 1971.

esquerda.”<sup>5</sup> Curiosamente, no corpo do ensaio encontra-se uma única e lacônica menção ao jornal, apenas elencado dentre um conjunto de “alternativos políticos” que viriam da “linhagem do *Amanhã*”<sup>6</sup>. O autor parece desconsiderar as cisões havidas e as grandes diferenças, políticas e culturais, entre os diferentes periódicos mencionados. Voltaremos a esse ponto.

Em outro estudo, este dedicado à imprensa homossexual no Brasil<sup>7</sup>, lemos:

Na imprensa alternativa, *Beijo* (1977) foi o primeiro a discutir a sexualidade como seu principal tema. O jornal lançou o primeiro grande ataque contra o preconceito com que a homossexualidade era tratada, principalmente na mídia. Em resposta à concepção de homossexualidade de *O Pasquim*, trouxe em um editorial: “A imprensa ‘progressista’ não costuma incluir a sexualidade na sua lista dos dez mais (...). No seu número 436, o *Pasquim* resolveu falar do homossexualismo. Posição liberal: falar de ‘temas proibidos’. O *Pasquim* dá um destaque especial à imprensa gay. Falando dela, o jornal reafirma que não é ela (...) simulando liberar, quando a imprensa progressista tratava da homossexualidade era apenas para lhe indicar rapidamente o seu lugar no meio social.” (BEIJO, 1977: editorial). A temática do prazer privilegiada nas páginas de *O Beijo*, que antecipou a iniciativa de Fernando Gabeira, não foi bem recebida pelos outros alternativos; saíram apenas seis edições.

O trecho citado contém vários equívocos de leitura e demonstra que o jornal não foi efetivamente lido, não recebeu uma atenção efetiva. Vejamos: a sexualidade e a temática do prazer foram temas importantes para o jornal, mas não o “seu principal tema” – aliás, se for possível falar em tema principal, este seria a crítica aos autoritarismos em todas as suas formas – sequer assunto de “editorial”. No *Beijo* não há editoriais e o mencionado artigo sobre o *Pasquim* é assinado por José Castelo (sic) Branco, que, aliás, assina outros textos em outros números. Também não há nada que leve a conclusões acerca da recepção do *Beijo* de modo tão simplista: se problemas houve, eles estão bem mais ligados às críticas às esquerdas e é dentro desse quadro que a temática da sexualidade se insere.

---

<sup>5</sup> No corpo do texto, há apenas uma fugaz referência ao jornal. Cf. BRASIL, Bruno. Por um mundo livre e menos “careta”: a imprensa alternativa durante o regime militar. *Anais da Biblioteca Nacional*. vol.124, p.7-20 Rio de Janeiro, 2004 (2007). O trecho citado encontra-se no conjunto “Imagens do Acervo”, 8 páginas não numeradas entre as páginas 16 e 17. Disponível na página da BN na internet.

<sup>6</sup> *Amanhã*, editado por Raimundo Pereira, em 1967, em São Paulo.

<sup>7</sup> Cf. os trabalhos de Marcus Antônio Assis Lima, que desenvolveu dissertação de mestrado sobre o tema na UFMG em 2000. Há várias versões do excerto da dissertação em que o *Beijo* é citado disponíveis na internet, uma vez que foram apresentadas em congressos como o V Congresso Nacional de História da Mídia, FACASPER e CIEC, São Paulo, 2007. O trecho citado a seguir está disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPrensa-Homossexual-Brasil.pdf>.

Em pequeno artigo publicado em 4 de março de 2012 na *Ilustríssima*, o suplemento de cultura da *Folha de S.Paulo*, Marcos Augusto Gonçalves, ao lembrar o início do *Beijo*<sup>8</sup> associa claramente as opções temáticas com a postura política que era, ao mesmo tempo, crítica da esquerda, mas sendo também da esquerda, ou, como se dizia à época, do setor “progressista”:

A primeira vez que vi Ana Cristina Cesar foi numa reunião de jornalistas e intelectuais no apartamento de Julio Cesar Montenegro, no bairro do Humaitá, no Rio. O ano era 1977, eu tinha 21, ela 25.

O objetivo do encontro era discutir a criação de um jornal alternativo que se chamaria “Beijo”, título que não lembrava em nada os dos semanários politizados e progressistas daqueles tempos, como “Movimento” ou “Versus”.

Fui à reunião a convite de Ítalo Moriconi Jr., amigo de curso de letras da PUC -eu na graduação, ele na pós- e de movimento estudantil. Eu fazia parte de uma corrente que começava a ganhar posições do Partidão nos diretórios acadêmicos da universidade. [...]

A maioria daquelas pessoas era formada por ex-colaboradores da seção de cultura do semanário “Opinião”, que havia sido extinto. Montenegro era o provocativo e brilhante editor que havia atraído para o jornal uma turma esperta e sofisticada, bem diferente dos padrões da esquerda cultural.

A ideia era encarar temas recalcados no debate de esquerda, como homossexualidade e repressão nos países socialistas. Eu, que já não aguentava o dogmatismo da militância, fiquei fascinado.

As pautas do “Beijo” eram aprovadas em “assembleias” nas quais votavam os cerca de 40 “diretores” do jornal – todos que venderam assinaturas para subsidiar a empreitada, que durou sete meses. Entre eles, Rodrigo Naves, Ronaldo Brito, José Castello, Kátia Muricy, Roberto Ventura, Waltercio Caldas, Paulo Venâncio Filho e Matinas Suzuki Jr. [...].

Pode-se dizer que o *Beijo*, de algum modo, ampliava e abria não apenas a temática, mas toda uma biblioteca e, até, criava um outro modo de ser “imprensa alternativa”. Isso talvez explique a dificuldade de inserção desse jornal em alguma categoria fixa dentro dos estudos sobre a imprensa alternativa: para uns, é um jornal político; para outros, é “contracultural”; para outros mais, é um jornal cultural voltado ao “debate de ideia”. Todos estão certos.

\* \* \*

Quando buscamos a bibliografia sobre a imprensa alternativa dos anos 70 no Brasil, há uma profusão de títulos e de estudos, muito variados entre si, mas que possuem em comum uma referência: o estudo *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*, de Bernardo Kucinski, que empreendeu o esforço de contar a história desse fenômeno jornalístico,

---

<sup>8</sup> Apresentado na rubrica “Arquivo aberto: memórias que viram histórias”, o artigo intitulado “O quarto Augusto, Rio de Janeiro 1979” rememora o encontro do jornalista com Ana Cristina Cesar. Ver também, no anexo II, outro texto do mesmo autor com referências ao *Beijo*.

utilizando a noção de resistência ao regime como o elemento definidor da “imprensa alternativa”:

Durante os 15 anos da ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como *imprensa alternativa* ou *imprensa nanica*. [...] o radical *alternativa* contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa; o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de uma única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam.<sup>9</sup>

A definição e o recorte adotados por Kucinski mostram-se bastante problemáticos. Como se constata, essa imprensa “alternativa” se define, para o autor, a partir de uma intenção mais ou menos declarada em relação a seu outro, seu alter, e por uma práxis (para usar o vocabulário comum àqueles anos) política: oposição “intransigente” ao regime militar, o outro desse conjunto de periódicos, outro que pode ser desdobrado, ainda, na grande imprensa, vista pelo autor como espécie de coadjuvante daqueles a quem os alternativos se opõem. Constrói-se, assim, uma dicotomia no campo das publicações periódicas que reitera e reproduz divisões dicotômicas, ou pares esquerda/direita, progressistas/conservadores, dominados/dominantes, imprensa alternativa/grande imprensa, ou, em síntese, a luta do bem contra o mal, véu homogeneizador das formas e dos objetos de resistência.

Kucinski tem razão ao identificar esse amplo procedimento comum – resistência – como fator que reúne um grande número de agentes culturais diante de um inimigo também comum e reconhecível. No entanto, tal ênfase tende a obscurecer as enormes diferenças entre esses mesmos periódicos: os conflitos, quando expressos, explicam-se por “rachas internos”, por disputas político-partidárias transferidas para as redações. As diferenças entre os periódicos considerados alternativos são enormes e dão pistas das tensões e conflitos que, sob a máscara da coesão, constituem um legítimo campo de forças.

Quanto ao recorte decorrente da definição adotada, é preciso lembrar, por exemplo, que o termo “alternativo” também se aplicou, embora em menor escala, à produção artística e literária que, nos anos 70 e mesmo no início dos 80, era produzida e veiculada fora dos canais oficialmente constituídos, ou à margem deles, como se costumava dizer: a poesia dita marginal,

---

<sup>9</sup> Kucinski. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*, p. XIII.

publicada diretamente por autores ou grupos fora das grandes editoras e distribuída de mão em mão e que não necessariamente tinha por objetivo resistir à ditadura (embora tal função, ou efeito, lhe tenha sido atribuída por parte da crítica); a produção musical em circuitos “alternativos”, como o teatro Lira Paulistana; o teatro das companhias à margem das “grandes”, como o Circo Voador; e o “cinema alternativo” ou marginal, como aquele produzido na Vila Madalena, em São Paulo. Isso para não falar da generalização do adjetivo alternativo para qualificar modos de vida e comportamentos. Não é preciso dizer que alguns periódicos produzidos por esses grupos “alternativos” não fazem parte da listagem de periódicos apresentada por Kucinski no anexo de seu livro: lá não estão, por exemplo, o *Almanaque Biotônico Vitalidade*, publicado em 1976, pelo grupo Nuvem Cigana, ou o *Jornal Dobrabil*, de Glauco Mattoso. É interessante observar ainda que essa listagem de periódicos apresentada no anexo distingue os formatos dos periódicos citados em uma coluna específica: “revistas”, “tablóides”, “minitablóides” e “standard” (o que faria de *Bondinho* um tablóide e não uma revista?), e coloca entre parênteses os títulos que “designam periódicos convencionais contendo elementos alternativos”: a revista *Argumento* e o jornal *Leia* estão nessa classificação, sem maiores explicações; já a *Revista Civilização Brasileira*, o primeiro periódico a ser lançado com o objetivo explícito de resistir ao golpe militar, não é citado, nem integra a listagem. Considerando esses exemplos, é possível argumentar que o uso do termo “alternativo”, que aponta sempre para um “outro”, indica distintas formas de resistência, ou de diferença, face a pensamentos e padrões de vida hegemônicos, mas assume, neste arquivo montado por Kucinski, um feitiço autoritário, um princípio instituidor e constituidor<sup>10</sup>; abarca algo como uma espécie de contracânone e dá a leitura também hegemônica do que seria a “imprensa alternativa”.

Participante dessa mesma história, Kucinski constrói uma narrativa que conta o nascimento e a morte de algumas dessas publicações a partir de seus “rachas” internos e de suas relações complexas e contraditórias com as várias formas de censura, seja aquela mais conhecida e praticada pelos órgãos repressivos do governo militar, seja aquela exercida pelas estruturas partidárias clandestinas, seja ainda a censura autoimposta. Em suma: traz à luz as

---

<sup>10</sup> Cf. Derrida. *Mal de arquivo*, especialmente p. 17 e ss.

questões político-ideológicas, deixando à sombra, mal entrevistas, as implicações culturais que este conjunto de periódicos pode nos mostrar. As histórias contadas ao longo do livro mostram, todavia, que nem sempre a oposição foi tão intransigente quanto se pensava, e que o grau de intransigência a ser adotado era motivo de conflito nas redações. Por outro lado, mesmo ao se referir quase sempre a “jornais alternativos” e a certo formato que lhes corresponderia, constituindo um “padrão gráfico alternativo” apropriado depois tanto pela grande imprensa (o formato do *Folhetim da Folha de S.Paulo*), quanto por jornais que apoiavam a ditadura (o caso de *O Expresso*)<sup>11</sup>, vemos que os elementos que poderíamos chamar “formais”, ou “estéticos”, e que inclusive caracterizariam visualmente esta produção, perdem espaço diante da definição política restritiva que o termo “alternativo” adquire.

Dentre a lista de Kucinski, encontramos em destaque o jornal *Opinião* (1972-1977), um dos mais prestigiosos periódicos dos anos 70, que protagonizou um dos mais famosos e – por que não? – produtivos “rachas” – seja como fruto da reação ao autoritarismo dentro da redação, seja dos conflitos entre o editor e o dono do jornal, e que resultaram em outros periódicos. Interessa-me aqui não o *Movimento*, filho mais forte e de mais longevidade do *Opinião*, lançado em São Paulo em 1975 pelo mesmo Raimundo Pereira (juntamente com um “coletivo”, claro), que fora editor do *Opinião* antes dos principais conflitos com o dono do jornal, “um capitalista liberal financiador, Fernando Gasparian, insatisfeito com os rumos do Brasil ditatorial.”<sup>12</sup> Interessa-me o filho de vida curta, o outro – *Beijo* – que, segundo Kucinski, faria parte dos periódicos que, reagindo ao “dogmatismo dos grupos de esquerda” e à sua “moral conservadora”, pregavam a importância do prazer, e teria erigido “a esquerda como seu alvo de crítica. E de crítica pela esquerda.”<sup>13</sup> O *Beijo*, assim como alguns outros periódicos considerados nesse mesmo grupo, perturba, para dizer o mínimo, a definição inicial de “imprensa alternativa” adotada por Kucinski.

---

<sup>11</sup> Veja-se, na obra citada, o encarte de ilustrações (16 páginas não numeradas) com capas de vários desses jornais, inclusive os acima referidos, entre as páginas 190 e 191.

<sup>12</sup> AGUIAR, Flávio. *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*, p. 11. Fernando Gasparian (1930-2006) foi dono da importante indústria têxtil América Fabril, da Editora Paz e Terra, e das revistas Argumento e Cadernos de Opinião, além do jornal Opinião.

<sup>13</sup> KUCINSKI, *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*, p.83.

Lançado em novembro de 1977, o *Beijo* é fruto do racha entre o “grupo da cultura”, liderado pelo editor da seção “Tendências e Cultura”, Júlio Cesar Montenegro, e o próprio Gasparian, em fins de 1976 (mais de um ano, portanto, após o afastamento de Raimundo Pereira, ocorrido em março de 1975<sup>14</sup>). Segundo se conta, a gota d’água teria sido “Gota d’água” (com perdão pelo trocadilho), a peça de Chico Buarque e Paulo Pontes criticada na seção “Tendências e cultura”, a qual, por sua vez, foi criticada por Gasparian sob a alegação de que criticar artistas “progressistas” e perseguidos pela censura seria compactuar com a censura.

Numa carta dirigida a Cecília Londres, em 4 de dezembro de 1976, a poeta Ana Cristina Cesar, que colaborava na editoria liderada por Montenegro em *Opinião*, alude a esses conflitos e expressa sua insatisfação com os rumos que se anunciam:

Há como que uma briga se articulando, digamos, nas esquerdas — de um lado a “frente ampla”, partidão, Movimento, nacionalismo, raízes populares, gota d’água, união contra o inimigo real do momento, vale tudo contra a ditadura, não vale falar mal nem criticar quem tá no mesmo saco. De outro lado (nem é um lado, estou sendo grossa, me entende, *please*) alguns grupos ou pessoas que não estão aceitando muito essa frente ampla e começam a criticar, *Opinião*, Montenegro, esse artigo do Renato da Silveira, o José Arrabal falando de teatro... Eu acho tão complicado isso, gostaria muito de discutir essas coisas. Em princípio, acho que não dá essa frente ampla dogmática (“a censura é o mal do teatro atualmente” é uma das frases lapidares); porra, não é só a censura; a censura vira desculpa, vira ponto de união de um saco de gatos onde entram inclusive os maiores filhos da puta. Mas, me argumentam os estrategistas — qual é afinal a diferença entre estratégia e tática? — mas é hora de união, não vale a pena atacar o inimigo errado no momento. Desconfio, desconfio. Nesse ponto acho o Adorno ótimo.<sup>15</sup>

\*\*\*

Ana Cristina Cesar integrou o grupo fundador do *Beijo*, liderado por Júlio César Montenegro (“administração”) e Genilson Cezar (“diretor responsável”), e participou ativamente da formulação da política cultural do novo jornal. Este grupo se dá a conhecer no primeiro número de *Beijo* como “diretores”, 40 nomes listados em desierarquizada ordem alfabética na coluna dedicada aos créditos.<sup>16</sup> Dessa “diretoria” participavam, além de Ana

---

<sup>14</sup> “Sem apoio do grupo de cultura, inclusive de Júlio César Montenegro e Genilson Cezar, que continuaram no jornal, Raimundo negociou a saída com uma comissão de intelectuais, que incluía Fernando Henrique Cardoso e Chico de Oliveira.” KUCINSKI, *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*, p.280.

<sup>15</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p. 136-7. Sobre esse episódio, ver também Kucinski (obra citada, pp 281-282).

<sup>16</sup> Cf. Os textos de Marcos Augusto Gonçalves, já citados. Com algumas diferenças de grafia, a listagem se repete no nº 2, deixando de aparecer nos números subsequentes. Os 40 diretores são: Alfredo Herkenhoff, Ana Cristina

Cristina Cesar, outros personagens ligados à área de literatura e aos movimentos de poesia – alternativa? independente? marginal? – dos anos 70 no Rio de Janeiro, como Antonio Carlos de Brito, o Cacaso, e Ítalo Moriconi, que, quase vinte anos depois, relembra e relata vários episódios dessa história ao escrever um belo e delicado “perfil biográfico” de Ana Cristina Cesar.<sup>17</sup>

Ao longo de 1977, etapa preparatória para o lançamento do *Beijo*, Ana Cristina Cesar registra em sua correspondência o que pensa sobre o fim do *Opinião*, o entusiasmo com o novo projeto de revista, bem como as disputas internas ao grupo. Em outra carta a Cecília Londres, datada de 26 de março de 1977, Ana comenta que

[...] o *Opinião* fechou. O Gasparian demitiu todo mundo no culminar de uma crise. A princípio ele dava liberdade aos editores mas ninguém tinha carteira assinada. No momento que ele começou a pressionar as editorias e exercer censura interna (especialmente contra ataques a figuras “de esquerda” – Callado, Houaiss, Werneck etc.) (e assuntos considerados “irrelevantes” como: sexo), o pessoal chiou e chegou-se a um impasse com todo mundo exigindo carteira assinada e direitos trabalhistas (“Já que você quer se impor como PATRÃO, trate-nos então como patrão”). Conclusão: demissão coletiva e fechamento do jornal (sob desculpa da censura). O nº que está nas bancas (onde eu, Chico [...], Ítalo e até LCL nos despedimos – viste?) é o penúltimo. Montenegro está articulando uma revista – vou participar das reuniões com vontade de trabalhar e largar universidade.<sup>18</sup>

e a série se amplia, agora a Clara Alvim, em 15 de abril de 1977,

Há também reuniões e planos para uma revista com o pessoal que saiu triste do *Opinião* — uma espécie de *Versus* anti-*Versus*. Tenho ido aos encontros onde me sinto presente e aprendendo coisas que minha curiosidade mais aumenta. Já tenho idéia. Já tenho idéia de escrever sobre os *Malditos escritores!* e sua relação com a ideologia romântica-nacionalista-localista[...].<sup>19</sup>

---

Cesar, Antonio Carlos de Brito, Caio Túlio Vieira, Carlos Henrique Escobar, Demétrio de Oliveira Gomes, Diter Stein, Genilson Cezar, Gilberto Vasconcelos, Henrique Antoun, Ítalo Moriconi Júnior, Joatan Vilela Barbel, Júlio Carlos de Figueiredo Mariano, Júlio Cesar Montenegro, Julius Menezes Rocha, Luiz Costa Lima, Luiz Renato Martins, Luiz dos Santos Mermelstein, Maria Leny Cordeiro, Maria Beatriz de Medeiros, Marcos Maffei Jordan, Marcos Augusto Machado Gonçalves, Mauro Costa, Mateus Sampaio Soares de Azevedo, Matinas Suzuki Júnior, Paulo Chaves Fernandes, Paulo Tarcísio Campos de Andrade, Paulo Venâncio Filho, Ronaldo Brito, Roberto Aibinder, Reinaldo Leitão Paes, Ricardo Arnt, Ricardo Lins, Roberto Ventura, Rodrigo F. Naves, Silvia Bregman, Silvano Santiago, Vera Sayão, Vinícius de Ávila Dantas, Waltércio Caldas Júnior.

<sup>17</sup> Cf. MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*.

<sup>18</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p. 144-145.

<sup>19</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p. 27. Sobre o *Versus*, além do seu próprio racha amplamente narrado por Kucinski, cabe destacar a forte presença da cultura e da literatura em suas páginas, sempre articuladas à idéia da “arte como arma”. Por isso, certamente, a ambição paradoxal de ser um *Versus-anti-Versus*. Quanto ao artigo mencionado, apareceu em *Beijo* nº 1, com o título “Malditos, marginais, hereges”, novembro de 1977, e fazia um forte ataque a essa concepção de literatura, digamos, engajada e populista. Publicado também em

dirige-se em 21 maio 1977, a Ana Candida Perez,

A revista que estamos transando pretende ter uma parte gráfica tão forte e crítica quanto a parte de texto, ou pelo menos uma integrada com a outra, sem repetir mas atuando também. Como disse o Waltércio Caldas, um cara muito legal e engraçado, nada que é publicado passa imune e direto para o leitor, mas é modificado pela forma e cara de circulação.<sup>20</sup>

e de novo a Cecília Londres, em 29 de junho,

Enquanto isso rola o projeto da revista, que agora se especifica em pequenos grupos. O grupo que eu estou é quente — Patinho, Montenegro, Waltércio, Ronaldo Brito, e Ítalo. Estamos chegando a alguma coisa, e ficou claro que precisávamos nos articular para de certa forma fazer frente ao ‘articuladíssimo’ Escobar.<sup>21</sup>

No mês de julho, Ana Cristina volta a mencionar a preparação de *Beijo* em duas cartas para Ana Candida Perez, explicitando, agora, as tensões dentro do grupo: no dia 17, conta que “Montenegro está no Ceará e enquanto isso dão-se certas reuniões em grupinhos. Eu, Ronaldo Brito, Patinho, Waltércio Caldas, sei lá mais quem. Começo a abominar o brilhantismo. Onde falta solo e matéria. Atritos”; e, dia 31, que “Montenegro chega do Ceará e inevitavelmente revitaliza a revista. A proposta é parar as discussões e produzir imediatamente”<sup>22</sup>, sendo que a “volta de Montenegro” já fora tratada três dias antes (28.7.77) em carta para Cecília Londres:

Chegou o Montenegro e a revista se reanimou. Não adianta, é isso mesmo. Ficou resolvido que vamos parar com definições teóricas e manifestos e grupos para discussões e apresentação da “linha” do jornal. 2ª f. haverá a 1ª reunião em 1 mês, onde as cartas serão lançadas: vamos fazer um jornal prossequindo (e abrindo) a seção de cultura do *Opinião*. Quem quiser fica, quem não quiser tire seu dinheiro e vá transar outra. Acho ótimo.

Bastante envolvida com o projeto, Ana Cristina registrou e sistematizou os princípios gerais que norteariam a publicação e, conforme relembra Ítalo Moriconi, na reunião do “coletivo” em que deveriam decidir o nome da revista, dentre os três propostos (“Gancho”, “Caso” e “Beijo”), Ana chegou com um documento que sintetizava as discussões e o distribuiu

---

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*, p.204-212. Sobre essas posições de Ana Cristina e suas relações com o *Opinião* e o *Beijo*, ver também o livro de Ítalo Moriconi (op. cit.).

<sup>20</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p. 253.

<sup>21</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p.148.

<sup>22</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*, p.256 e 263.

a todos os que lá estavam – foi o documento norteador e uma síntese das questões que se colocavam não apenas para as políticas culturais de um periódico que se pretendia diferente dos outros, mas também para projetos literários como o de Ana Cristina Cesar. Esse documento, que “fala por si”, como diz Ítalo Moriconi, merece ser mais uma vez transcrito<sup>23</sup>:

#### PARA O PROJETO DA REVISTA

Nome sugerido: *Gancho*, *Caso* ou *Beijo*

1. *Dessacralização*.
2. *Desrecalque*.
3. *Descentralização*.
4. *Contradição*.
5. *Linguagem*.
6. *Competência*.
7. *Estratégia*.
8. *Prática política e vida cotidiana*.

1. *Dessacralização*: descompromisso com nomes ou figuras sagradas ou “aliadas”; descompromisso com os temas em cartaz.
2. *Função de desrecalque*: fazer falar temas e tons que são recalçados (principalmente pela esquerda encastelada).
3. *Descentralização*: muito espaço para o leitor, que pode se tornar colaborador. Desconcentração na estrutura de poder. Mobilidade.
4. *Emergência de contradições*: desmontagem da frente ampla. A seleção de matérias só tem sentido em função de uma estratégia e não de um recalque, de uma intervenção autoritária. Descentralização opinativa.
5. *Linguagem*: produção alternativa à linguagem da imprensa e à linguagem universitária. Discussão dos “conteúdos subjacentes” às matérias. Explicitação do autoritarismo das articulações discursivas.

O modo como são articulados termos e proposições de linguagem, longe de ser uma simples forma, tem uma intrínseca relação com a chamada mensagem. Aos homens de exclusiva boa vontade deve-se fazer ver que inclusive podem ser surpreendidos por isto que, na ausência de um termo melhor, podemos chamar de conteúdo subjacente.

Rodrigo F. Naves, no *Opinião*

*Nós podemos ser surpreendidos.*

6. *Competência*: questionamento do conceito. A seleção de matérias se faz a partir de uma estratégia e não de um conceito pré-fixado de “competência”. Contra a seguinte colocação:

---

<sup>23</sup> Ítalo o transcreve às p. 47-49 de seu livro já citado; faço-o aqui a partir de cópia do original datilografado por Ana e que me foi gentilmente ofertada por Ítalo Moriconi.

Na minha opinião quem está em “posição privilegiada” é o sr. Leib que ainda cheirando a leite *pensar competência* para julgar e agredir baseado em *meias-verdades*. Porém ninguém melhor para combater as críticas *irresponsáveis* do que aqueles profissionais a quem esse jornal *deve recorrer*.

Eduardo Ebenezzer Ofeliano de Almeida, leitor de *Opinião* (eu grifei)

7. *Estratégia*: possibilidade de constante questionamento da estratégia, que está sempre a um passo do autoritarismo. A estratégia se manifesta muito menos pelo veto do que pela *montagem* e *articulação* das matérias. Ex: carta de leitor que interessa vira matéria; carta de leitor que não interessa pode figurar como carta mesmo. O discurso apologético de um Fernando Peixoto por exemplo pode ser denunciado no confronto estratégico com outra matéria.

8. *Prática política e vida cotidiana*: questionamento da distância ENTRE as propostas que norteiam a prática política e as relações cotidianas.\* Que inclusive se manifesta no próprio discurso (ver oposição entre “conteúdo progressista” e articulação autoritária — a certeza do próprio saber, a fala só para iniciados). Cito outra vez Rodrigo Naves e proponho republicação do seu “Contra a existência distraída”.

Ana Cristina Cesar

\* Ou: entre o *afeto* e a *estratégia*

Ou: entre “subjetivo” e “objetivo”

Como se vê, a proposta da revista, ou do jornal<sup>24</sup>, se afasta de qualquer militância política “explícita” nos termos em que então se fazia, para apostar na subjetividade, na transgressão, na profanação, na heterogeneidade, na diferença. Afasta-se dos personalismos para investir na denúncia de quaisquer tipos de autoritarismo, buscando utilizar procedimentos de leitura, isto é, de desvendamento de práticas discursivas autoritárias. Este procedimento se constitui também por práticas, digamos, estéticas – montagem e articulação, diz Ana C. – que colocam em relação, ou em choque, no interior mesmo do periódico, os discursos. Trata-se, em suma, de procurar implodir a significação já dada, de obliterar a violência do sentido único, de fazer falar a multiplicidade do sentido, ou a falta dele, num efeito perceptível apenas quando consideramos o conjunto do jornal e não cada texto em particular.

Um dos aspectos que chama a atenção é o contraste entre a aparência do jornal e as matérias veiculadas: suas cerca de 30 páginas não grampeadas e mal revisadas, em precário papel jornal cortados no formato tablóide (29x38,5cm), abrigam textos muito atentos ao

---

<sup>24</sup> Nas cartas de Ana Cristina, os termos “revista” ou “jornal” se alternam; porque, de fato, o que caracteriza este periódico como jornal é, basicamente, o tipo de papel utilizado, o formato tablóide, e as folhas soltas; por outro lado, a predominância de ensaios dentre os textos publicados, a existência de capa e a periodização mensal nos permitiriam caracterizá-lo como revista; certamente, é, ao mesmo tempo, as duas coisas.

contexto político, artístico e cultural em transformação<sup>25</sup> no qual se inserem e que podem ser, por exemplo, tanto uma fina análise crítica, ensaio em tom acadêmico com as devidas notas e referências bibliográficas, quanto um pastiche desse mesmo tipo de texto, ou entrevistas inusitadas, incluindo as ficcionais. As ilustrações esparsas pelas páginas, sempre em branco e preto – algumas cores são usadas apenas nas capas – se alternam entre desenhos especialmente feitos para a publicação, reproduções de obras de arte, ou, ainda, montagens fotográficas. Quanto a anúncios publicitários, apenas de outros periódicos, como o *Cadernos do Nordeste* e o jornal do DCE da USP, *Avesso*, que teve como editor o mesmo Rodrigo Naves que ajudou a fazer o *Beijo* e hoje é crítico de arte reconhecido. E talvez se possa afirmar ainda que um dos principais procedimentos discursivos e críticos adotados pelo jornal seja o uso da ironia.

Na mensagem de Montenegro citada anteriormente, o termo “ironicamente” aparece grifado, grifo que serve para validar não apenas o procedimento retórico da capa mencionada, que, aliás, destoa bastante do conjunto exatamente pela foto que ostenta, mas também por destacar a figura que rege o discurso de *Beijo*, salvo algumas exceções que confirmam a regra geral. Certamente não é possível ler pela ironia as entrevistas de Michel Foucault ali publicadas, nem os textos criticando a psiquiatria – neste caso, a ironia se transfere para uma notinha na contra capa do número 3 – o “molde para camisas de força possíveis de serem despidas”. Ironia associada à ficção com ares de uma verdade que se desmonta frequentemente através do humor e da proposição de jogos e charadas – humor corrosivo (mas não muito), que contamina a letra e faz com que o “sério” seja lido com um risinho torto entre os dentes, e que a suspeita se instale. Não se trata do humor escancarado do *Pasquim*, que adentra pelo deboche, mas de uma escrita de viés, de um flerte com a suspensão, com a suspeição, com a ficção. E, claro, com opções temáticas, teóricas e críticas “desviantes”, como diria Ana Cristina Cesar, mesmo que nem sempre.

Assim, já no primeiro número, nos deparamos de início com o “constituente – jogo de múltipla escolha” (ver anexo III), em que o leitor deveria escolher o nome do autor de frases

---

<sup>25</sup> Dentre os eventos marcantes nos poucos meses em que o *Beijo* circulou, com repercussão nos textos, destacam-se as discussões sobre a sucessão presidencial no Brasil, a visita de Jimmy Carter, o movimento operário que deu origem ao PT, o revigoramento do movimento estudantil e, no plano internacional, o sequestro e assassinato de Aldo Moro pelas Brigadas Vermelhas, na Itália.

sobre a constituinte dentre 3 a 5 opções que, obviamente, incluem nomes reconhecidos à direita e à esquerda do espectro político da época. A série de frases e de possíveis autores para cada uma evidencia tanto a artificialidade destas divisões quanto a suspeição sobre as posições políticas públicas e, ainda e especialmente, quanto ao sentido ou à falta de sentido dessas falas. Do mesmo modo, “A questão agrária no Brasil: Domingos M. Da Silva”, chamada de capa do primeiro número, se explicita apenas no título, mas surge nas entrelinhas e através do que não é dito: a entrevista se inicia com a pergunta “O que você acha do Natal?” e o entrevistado, um ex-policia militar que se diz um “bobo alegre” e contrário às invasões de terra, vai respondendo e falando sobre suas (poucas) aspirações e sua “boa” situação na fazenda em que trabalha (o patrão “é uma mãe. É uma mãe”), num tom geral de *nonsense*.

O que se lê nesse primeiro número e nos cinco subseqüentes se organiza, primeiramente, sob o grande tema que se espraia pelos vários textos: a conquista de espaços de liberdade, ou, em outros termos, a recusa de qualquer forma de autoritarismo, a que se acrescenta, sob a mesma ótica, a crise do marxismo. Dentro dessa perspectiva, mesmo que não exclusivamente, podem ser lidos, por exemplo, os artigos sobre a sexualidade e sobre o feminismo<sup>26</sup>, os textos de Michel Foucault<sup>27</sup>, aqueles publicados nos números 2 e 3 acerca do Sindicato dos Soldados Holandeses, ou ainda o depoimento de Gilberto Gil, que recusa a verdade única e deseja uma “revolução tropicalista” .

Se a seleção das matérias deve atender a uma estratégia que permita a emergência de contradições, o destaque e o espaço dado aos textos de Foucault cumprem essa função. Não é demais lembrar que Foucault era bastante conhecido pela intelectualidade brasileira: esteve

---

<sup>26</sup> Ver, especialmente, “A homossexualidade do *Pasquim*”, de José Castello, e “A infâmia original – como unir o coração e a política?”, de Lea Melandri, importante líder do movimento feminista italiano, ambos publicados no número 2, bem como “Além do princípio da estupidez”, de Gilberto Vasconcelos (nº 3) “A Escola de Frankfurt e a questão feminina”, por Olgária Matos (nº 4) e “Não à penetração traumática, sim ao prazer”, fragmentos do livro *A pequena diferença*, de Alice Schwarzer (nº 5). Este último título é também uma das “palavras de ordem” inscritas num muro de uma universidade italiana (nº 4, p14-15, reproduzida no anexo III).

<sup>27</sup> “A função política do intelectual” (nº 2, p.22-23) e “Justiça popular: o jogo da regra” (nº 6, pp. 16-21 e 24). Um fragmento desse último texto foi publicado no número 4, mas com um erro de referência: não se trata de um debate com militantes maoístas ocorrido no Porto em 1974, e sim do debate com militantes maoístas franceses, publicado em 1972 num número especial de *Les temps modernes*. Os interlocutores de Foucault, identificados no texto pelos pseudônimos Victor e Gilles, por pertencerem à esquerda proletária então ilegal na França, eram, respectivamente, Benny Lévy, o principal responsável pela “organização maoísta” e André Glucksmann, que dará entrevista ao *Beijo*, publicada no número 5. Essas informações sobre os “debatedores maoístas” estão em *Dits et écrits*, vol. II, p.340.

dando cursos, proferindo séries de conferências e viajando pelo Brasil em várias oportunidades nos anos que antecederam o lançamento de *Beijo*<sup>28</sup>: 1965 (USP), 1973 (PUC-RJ), 1974 (UFRJ), 1975 (USP) e 1976 (UFBA). Em sua primeira estada, foi impedido de realizar as conferências programadas pelos órgãos repressores da ditadura militar que levou colegas brasileiros ao exílio. Já em outubro 1975, após a série de conferências sobre psiquiatria e antipsiquiatria na USP, o assassinato de Herzog pelas forças da repressão o levou a ler um texto, na mesma USP, sobre o ocorrido. Também conheceu outras partes do país, tendo estado em Belém, Recife e Minas Gerais, e feito vários amigos, com destaque para o filósofo Roberto Machado. Além dessa reiterada presença nas universidades brasileiras, eram conhecidos os debates e embates empreendidos por Foucault e outros intelectuais com parte da esquerda francesa e, especialmente, com Sartre, bem como a anunciada ruptura com o marxismo. Por isso mesmo, a escolha dos textos inseridos no *Beijo* sobre a função dos intelectuais e criticando a proposta feita pela esquerda proletária, de criação de tribunais populares para julgar a polícia, cumprem amplamente as propostas do jornal.

\*\*\*

A emergência das contradições também surge com força no número 4 do jornal, talvez o melhor sucedido em relação ao projeto da revista tal como sistematizado por Ana Cristina. As três chamadas da capa em letras negras garrafais sobre fundo liso – MOVIMENTOS ESTUDANTIS/QUE NOVOS FILÓSOFOS QUE NADA!/O TAMBORIM QUE ENSURDECE... – anunciam a polêmica na chamada do meio, mas não permitem suspeitar do que mais se poderá ler.

A questão do(s) movimento(s) estudantil(s), tema que se encontra disperso em várias outras matérias ao longo dos seis números analisados, apresenta-se, no número 4, em dois “artigos”: “Desafinando o coro dos contentes” (p.2-4) e “A crítica da razão negativa” (p. 5-6), a que se pode acrescentar uma página dupla (p. 14-15), que pode ser vista no anexo III, uma montagem de “escritas do muro”, com palavras de ordem supostamente transcritas dos muros de uma universidade em Roma.

---

<sup>28</sup> Todos esses dados estão sinteticamente apresentados na “Cronologia” que abre o volume I da edição francesa dos *Dits et écrits* de Foucault.

Se as palavras no muro remetem à movimentação estudantil na conturbada Itália dos anos 70, os textos que atendem à chamada da capa acabam por fazer uma (auto)crítica do movimento estudantil. O primeiro – “desafiando o coro dos contentes” – se apresenta como uma transcrição, feita por Marcos Augusto Gonçalves e Ítalo Moriconi, de “aproximadamente duas horas de conversa entre dois jovens que viveram as mobilizações políticas no ano passado<sup>29</sup>”: “dois pequenos-burgueses entregam-se a recordações do passado recente”, informa-nos o jornal. O que se lê é uma conversa interminável sobre as possibilidades do movimento e a “politização das massas”, que mais parece uma tese sobre quem é “avançado”, quem é “atrasado”, discutindo, entre outros pontos, o papel da linguagem, o uso dos códigos da esquerda e o discurso da ordem. Ou, como diz um dos interlocutores:

O problema é que a linguagem da esquerda já está de certa forma mitificada, já é uma coisa estabelecida, codificada. A fala da “massa”, da “massa avançada”, da “massa-não-sei-o-quê”. Joga-se com termos codificados, inclusive do lado da ordem. E retificar (sic) isso é ratificar uma série de práticas na esquerda que são pouco discutidas.<sup>30</sup>

Mas talvez não seja toda essa conversa o que consiga produzir com mais eficácia o pretendido efeito de dessacralização (ou poderíamos dizer “profanação”, para ficarmos mais “up to date”) – neste caso de um dos temas mais sensíveis para a época – e sim a inserção de um detalhe. Antes de se iniciar a caudalosa “conversa”, que se desdobra ainda no segundo texto, o leitor se depara com um subtítulo – “cartas de um recluso 1” – que introduz o seguinte texto:

(observando a mina na dança) ao mesmo tempo, movimento social e esquerda revolucionária e pinta o lance obrero, tempo integral, desvio de classe, entrar pra produção obedecer regras do manual de boas maneiras para com operários. chorinho. casais roçando no suor da sala, copacabana ao longe, ele encaixa bem. muitas vezes, competimos para ver quem leu mais vladimir. ontem, eram os mais direitistas que mais o invocavam. fiquei invocado. como sujar-se nas eleições sem doutrinar? ! “ora, lê o esquerdismo” (gesto blasé de quem sabe). a gente não resiste aos stonés, hein, dois anos de análise te relaxaram mesmo. os esforçados tentam entrar na de godard e lacan.

---

<sup>29</sup> Foi no ano de 1977 que o movimento estudantil conseguiu dar visibilidade a seu esforço de reorganização e revigoração, em curso desde o final do governo Médici: volta às ruas com a organização de passeatas e realização de reuniões, mesmo proibidas pelo regime. Em setembro de 1977, após a realização do III Encontro Nacional de Estudantes na PUC de São Paulo, que havia sido proibido, houve uma truculenta invasão da Universidade pelas tropas lideradas pelo Coronel Erasmo Dias, que além de depredar as instalações da instituição e prender estudantes, professores e funcionários, feriu vários estudantes com o lançamento de bombas de gás lacrimogêneo diretamente sobre eles.

<sup>30</sup> *Beijo* nº 4, p. 3. Para que o sentido geral se mantenha na última frase, deveria ter sido usado, em vez de “retificar”, “ratificar”. Provável erro de revisão?

fora isso, alegres torneios do movimento estudantil. atenção, concentração, e aí, vanguarda<sup>31</sup>, convivemos com a graça e a beleza da juventude pequeno-burguesa, nós mesmos, cenas de teresopolitana, petropolitana, friburguense, itaipavense (waly). são lourinhas, moreninhas, narizinhos arrebitados, bundinhas celestiais empinadas, lombos d'outre mer, é muita mulé, isso pra não falar dos rapazitos. delícias tom e luz, fumo brilho bola, a vanguarda vive seu cotidianozinho bifacético. grave acusação no circuito da fofoca: não se pode confiar em X,Y,Z, não acho que ele vá pegar em arma na hora da insurreição. crescem as hemorróidas nas intermináveis reuniões, a que os certos comparecem contritos. os certos: os cara legais, os bons os picões, quatro estrelas, são as estrelas, e mais espessa a manifestação melhor a oratória. los descamisados! a consciência obsessivamente cultivada se entranha nas ações e nas mentes. corações. penetrar as massas. a banda de música da revolução: fogos de festim no ar obscuro do longo refluxo.

(leôncio kracauer)

nota: o autor é um jovem e precoce poeta baiano que se encontra atualmente foragido na nicaraguá (sic).

Esta “carta” sem destinatário e assinada por um improvável “poeta baiano”, cujo nome sugere um “mix” de Leôncio Basbaum com Siegfried Kracauer<sup>32</sup>, pode ser lida como um “poema em prosa”, a que não falta um tom jocoso (“Leôncio Kracauer” reaparece no número 6, “assinando” dois “poemas”; voltarei a eles mais adiante).

A frase entre parênteses dá o tom ao conjunto: abre a “carta” e a cena com uma gíria – “mina” – típica da juventude despreocupada, da “jovem guarda” anos 60, o olhar que vê o corpo, e se desdobra na configuração dos paradoxos, o “cotidianozinho bifacético” dessa “vanguarda” que inclui o “rock-and-roll”, a (homo)sexualidade, as drogas, o tédio das “intermináveis reuniões”<sup>33</sup>, enfim, a contradição entre a militância e o prazer, ou, como se lerá adiante, “a experiência do desbunde, da contracultura, tornando-se necessário pra ela [parte da

---

<sup>31</sup> O termo “vanguarda” também está marcado: não se refere a nenhum movimento artístico e sim à apropriação do termo para a autodesignação dos militantes do movimento estudantil, numa utilização, digamos, etimológica – como nos tempos napoleônicos, a “avant-garde” é a tropa que vai à frente, que conduz os exércitos (e que morre primeiro, claro!)

<sup>32</sup> Arrisco, um tanto ligeiramente, destacar dois pontos em comum entre os dois intelectuais: 1) ambos morreram no final da década de 60 (Basbaum, 1907-1969; Kracauer, 1889-1966); 2) ambos sofreram críticas e duras “acusações” ideológicas por parte, digamos, de seus “pares”: Basbaum, dentro do Partido Comunista Brasileiro que ajudara a fundar; Kracauer, na relação com Theodor Adorno, para cuja formação contribuiu.

<sup>33</sup> Ao longo da “transcrição da conversa”, volta o tema das reuniões em outra chave: “Em 68 é bem provável que mesmo as pessoas ‘alienadas’ tivessem vergonha de declarar uma coisa que atualmente todo mundo declara, desde que não seja da vanguarda, que é que assembleia é um saco, que não tem mais saco pra participar dessas coisas. Atualmente pode-se falar em termos mais pessoais, comportamentais, existenciais, o que seja: houve abertura pra isso e, afinal de contas, tudo isso é muito político. O AVESSO não abre espaço somente pro discurso de esquerda, é um jornal que abre espaço pro discurso da juventude universitária, então você vê nele todo um lado de desmistificação das lideranças de esquerda. De onde vem isso? Não é dos escritores e teóricos anarquistas, que ninguém por aqui lê, é justamente da própria experiência comportamental da juventude pequeno-burguesa.” (*Beijo* n° 4, p. 4)

juventude pequeno-burguesa] pensar mais a sua prática de vida, questionar comportamentos.”<sup>34</sup>

Além do que a carta diz, e do como diz, talvez seja mais importante o efeito de suspensão da crença, de desestabilização das verdades, que, a partir do falso autor, se espraia, contamina todos os discursos e impõe, de algum modo, um exercício de leitura ao mesmo tempo crítico e lúdico: desconfio, desconfio, como disse Ana Cristina.

Na mesma “linhagem” dos textos inventados<sup>35</sup> – sob a forma de matérias jornalísticas, ensaios, cartas – a página 16 desse mesmo número 4 apresenta, com o título em letras enormes, “Notas para uma biografia de Sebastiana Feitosa”. Aqui, não se trata de um “autor inventado”, já que as “notas” estão assinadas pelo próprio Júlio Cesar Montenegro, juntamente com Marcos Bonisson. Aqui, inventa-se a biografada – a cozinheira Sebastiana Feitosa – num texto que se constrói como pastiche<sup>36</sup> de biografias intelectuais e acadêmicas, em vocabulário elevado e recheado de receitas, que nos faz rir de nossos próprios cacoetes. Leiamos o saboroso início:

Somente a extrema indigência de nossa memória nacional pode explicar o relativo esquecimento em que caiu a obra de Sebastiana Feitosa. Originária de Caruaru (6 de agosto de 1919, entre 10 e 10:15 da manhã) seu precoce talento chamou a atenção de um rico usineiro que a levou para sua propriedade nas proximidades de Recife (1934). Na opulenta e sofisticada casa grande, Feitosa pode pela primeira vez desenvolver de uma forma sistemática suas potencialidades. O protetor requintado e exigente, uma bem equipada biblioteca e a efervescência social que permanentemente movimentava a casa senhorial, logo contribuíram para destruir em Feitosa o mito da “Inspiração espontânea”, dando-lhe sólida consciência da necessidade do trabalho árduo e metódico partejando a criação.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>35</sup> Além dos textos comentados, podem ser incluídos nesta série: a) “Confissões de King Kong” – “Este texto é o resultado de três horas de entrevista com KING KONG. Trata-se de sua primeira entrevista publicada num jornal brasileiro. [...] durante todo o tempo de nossa conversa caminhamos sem ser notados pelas ruas de Nova York. [...] King se despediu de mim numa esquina da rua 34. Não pude conter meu olhar vagando em busca da torre do Empire State, lembrando daquela cena linda do final do primeiro filme e pensando no trágico destino desse herói moderno. Ele se afastou com passos rápidos e nervosos para um edifício próximo, onde tinha sessão marcada com um analista reichiano. (Mauro Costa).” (*Beijo* n° 2, pp.28-29); b) “Somos todos brigadistas? A carta que abaixo publicamos nos talvez (sic), foi enviada pela *Brigade Rosse*; mais que uma carta, um aviso. [...] Pela tradução, **Rodrigo F. Naves**” (*Beijo* n° 6, p.14).

<sup>36</sup> Uso o termo pastiche sem conotação depreciativa: trata-se, simplesmente, da imitação de um estilo, de uma escrita “à maneira de”, com função ao mesmo tempo lúdica e irônica.

<sup>37</sup> *Beijo*, n° 4, p.16.

Entremeada pelas receitas de “abobrinhas com ricota”, “farofa com banana” e “meninico de carneiro”, as “Notas...” para a biografia da “cozinheira *maior*” – que brincam, aliás, com os *maiores* e *menores*, em que se inclui um improvável Jorge D’Auberville<sup>38</sup> – explicitam as “fases” pelas quais a biografada (“a maior, a mais vasta, a mais importante, a mais original das cozinheiras brasileiras de todos os tempos. Tem também a vantagem de estar morta.”) teria passado no desenvolvimento de sua obra, coincidindo com mudanças espaciais: “O corte epistemológico de sua obra coincide com a mudança para o Rio”, sentenciam os autores.

Nesta hilária biografia é o jargão acadêmico próprio do reconhecimento e da distinção por pares que funciona como elemento para o riso e como chavão – afinal, qualquer “biografia intelectual” pode, ou deve, dizer: “[...] colaborou regularmente em importantes publicações especializadas; participou e organizou vários congressos e simpósios. O mínimo que se pode dizer de sua atividade é que foi exemplar” (p.16).

Para completar a cena de desmontagem das verdades estabelecidas, a matéria em questão vem acompanhada de uma fotografia, que ocupa toda a página 17 (ver no anexo III), com a seguinte legenda: “Afirmando que o mau gosto de algumas de suas obras devia-se mais a uma prática insuficiente do que a indecisões teóricas, os críticos premiaram a obra de Sebastiana Feitosa exposta em Veneza (1953)” (p.17). Embora a baixa qualidade do papel e da impressão atrapalhe a visualização do que parece ser a foto de uma noite festiva na Praça de São Marcos, em Veneza, o que vemos em meio a efeitos de luz no branco e preto em nada corrobora o texto, salvo o que talvez seja um carrinho de quitutes no primeiro plano da imagem. Ou seja, temos um jornal que publica umas notas biográficas falsas, corroboradas por uma fotografia que, ao remeter ao texto pela legenda, não é prova de coisa alguma, a não ser de que lidamos com uma construção ficcional.

Os outros textos que compõem o quarto número de *Beijo* não fazem parte da série de “falsidades”, mas também cumprem, pela estratégia de “montagem e articulação das matérias”, tanto o propósito de fazer as contradições emergirem, quanto o de questionar as relações entre

---

<sup>38</sup> Provável alusão a Gaston Gontran D’Auberville, personagem criado por Érico Veríssimo no romance *Incidente em Antares* (1971), e que teria escrito uma *Voyage Pittoresque au Sud du Brésil (1830-1831)*, citada logo no início do romance (p.7-9 da edição citada na bibliografia).

a “prática política e vida cotidiana”. Assim, é possível ler o duro ataque de Laymert Garcia dos Santos aos “novos filósofos” franceses, com a matéria cujo título foi destacado na capa – “Que novos filósofos que nada!” – como um exemplo do “‘conteúdo progressista’ e articulação autoritária – a certeza do próprio saber”, como registrava Ana Cristina no item 8 do “projeto”. O segundo parágrafo do texto é exemplar:

Se a análise for pertinente para a França – lugar do “acontecimento” – por que então escrever para o público brasileiro? Parece-me que pouco a pouco a “nova filosofia” começa a deslumbrar alguns setores da intelectualidade cabocla. Puro mimetismo? Dependência cultural? Talvez, mas isso não explica tudo. O que parece mais plausível é que a disponibilidade para ouvir o discurso da “geração perdida” repousa sobre uma rejeição do populismo incorrigível de inúmeros marxistas brasileiros e do autoritarismo dessa corrente ao se arrogar o monopólio da oposição e da crítica. Como o debate sobre a “nova filosofia” chega truncado, os simpatizantes acabam comendo gato por lebre.<sup>39</sup>

Em outras palavras, o artigo, enviado de Paris, pretendia “iluminar” as mentes locais que, “ingênuas” ou mal informadas, não teriam capacidade de discernimento, nem acesso à totalidade do debate francês e, por isso, “comem gato por lebre”. Para “esclarecer” a plebe rude, o autor se propõe a apresentar um mapeamento do que diz a crítica francesa sobre os “novos filósofos”<sup>40</sup>, aguçada pelos argumentos da “morte do marxismo”, dos “crimes do marxismo”, e pela discussão que *Arquipélago Gulag*, livro do polêmico dissidente russo Alexander Soljenitsin, publicado em 1973 na França (e em 1976, no Brasil), provocou entre os marxistas. Além de refutar a posição política dos “novos filósofos”, o artigo insere a “nova filosofia” – “turismo ideológico onde tudo é possível” – no campo da cultura de massa, como mercadoria a ser consumida, e, para resumir, talvez a ofensa maior, afirma tratar-se de um novo fascismo.

O principal alvo do artigo de Leymert Garcia dos Santos é o filósofo André Glucksmann que, como vimos, foi um dos interlocutores “maoístas” no debate com Foucault sobre os tribunais populares (relembrando que um fragmento desse debate foi publicado neste mesmo número do *Beijo*). O artigo foca, especialmente, o livro *La cuisinière et le mangeur d'hommes*,

---

<sup>39</sup> *Beijo* n° 4, p. 18.

<sup>40</sup> Leymert Garcia dos Santos registra que o termo “nova filosofia” foi usado pela primeira vez por Bernard-Henry Lévy, em dossiê publicado na revista *Les Nouvelles Littéraires*, em 10 de junho de 1976, termo considerado pelo articulista como “etiqueta para atrair a atenção sobre um produto cultural inédito a ser consumido.” Nesse contexto, o termo “consumo” adquire sentido pejorativo.

publicado pela editora Seuil em 1975, cuja tradução brasileira – *A cozinheira e o canibal* – acabara de ser publicada pela Editora Paz e Terra. A reação de Glucksmann às acusações que lhe foram imputadas não se fez esperar e aparece na entrevista publicada em *Beijo* número 5, com o título “Filosofar é ensinar a matar para o bem da humanidade”<sup>41</sup>, devidamente entre aspas no jornal, registre-se. A entrevista foi feita no Brasil, à beira da piscina do Copacabana Palace, o que rende as explicações e ressalvas de Montenegro na “apresentação”, não sem uma ponta de (des)culpa: “Me ocorrem longas discussões/acusações de ‘esquerda’ sobre a vida de críticos da burguesia, do capitalismo, que desfrutam de conforto do tipo que nos cercava. (Para mim, essas acusações são demagógicas [...], dão a entender que é possível largar a cultura burguesa mediante simples voto de pobreza. [...]).”<sup>42</sup>

O início da entrevista trata exatamente do artigo em questão:

**Glucksmann** – Não sei como vocês utilizam o termo fascista por aqui mas... na minha família há gente que morreu por causa dos fascistas... para mim é uma coisa grave chamar alguém de fascista. Penso que no Brasil também é uma grave acusação. Seu jornal diz que sou fascista. Então, por que vocês querem entrevistar um fascista e o que eu tenho a dizer para um jornal que me considera fascista?

*Beijo* – O jornal é feito por muitas pessoas, com ideias diferentes, e achamos que as matérias aceitas pela redação devem ser publicadas sem censura, o que inclusive favorece a discussão.

**G** – Não acho que coisas desse tipo favoreçam discussões. Acho que facilita a ditadura de quem escreveu o artigo sobre o conjunto dos leitores. Não é porque um intelectual brasileiro está em Paris que tem o direito de contar mentiras aos leitores brasileiros sem meios de ir a Paris. [...] chamar de fascista é criminalizar uma diferença de opinião. Na França, na Europa Ocidental, quando um jovem tem cabelos compridos, diz-se que é um terrorista. Aqui, porque não estou de acordo com o senhor que escreveu o artigo, ele me chama de fascista. Daí eu não posso discutir com esse tipo de gente.

E quem me garante que na apresentação da entrevista vocês não vão escrever “ouvimos o fascista e eis o que ele disse”? E o que que eu posso fazer?<sup>43</sup>

Evidentemente o receio do entrevistado não se concretizou e, após mais um trecho refutando as acusações, a entrevista propriamente dita se inicia, preenchendo mais três páginas do jornal com a discussão de seu livro e manifestando-se contra todas as formas de autoritarismo e de ditadura, inclusive a dos partidos, sejam de direita ou de esquerda, em que se

---

<sup>41</sup> Entrevista com André Glucksmann e Françoise Villiers. *Beijo* n° 5, pp. 6-9. A nota n° 1, no final da entrevista, informa os participantes: Henrique Antoun, Flora Sussekind, Marcos Augusto Gonçalves, Maria Helena Saldanha, Marcos Bonisson e Júlio Cesar Montenegro. Ver a página 6, com o início da entrevista, no anexo III.

<sup>42</sup> *Beijo* n°5, p.6.

<sup>43</sup> Idem.

inclui a crítica aos “especialistas tecnocratas” que, nas ciências humanas, não se questionam e “acham que estão com a razão e todos os outros errados.”<sup>44</sup>

Voltando ao quarto número do jornal, pode-se dizer que o artigo sobre os “novos filósofos”, caso seja lido isoladamente, vai na contramão das propostas do *Beijo*. Por outro lado, no confronto e mesmo na justaposição com as outras matérias desse mesmo número, que se aprofunda como vimos no seguinte, põe-se em ação o “questionamento do conceito” de competência e a estratégia de “montagem e articulação das matérias”. Assim, a inserção do artigo imediatamente após as “notas biográficas” de Sebastiana Feitosa, problematiza as certezas e instala uma certa suspeição. Complementa o quadro lembrar que se lê/leu, às páginas 11 e 12, sob o título “Novos espaços de liberdade para o desejo minoritário contra o consenso majoritário”, sem outras referências, sequer as de tradução, a não ser pelo informe “uma intervenção de Felix Guattari na Convenção Internacional de Berlim 27 de janeiro de 1978.” Ou seja, o texto (ou a fala?) de Guattari, pronunciado um pouco antes da edição deste número (março de 1978), surge como uma espécie de manifesto, defesa de novas formas de organização dos movimentos, inclusive das organizações da extrema-esquerda revolucionária, de modo a conquistar “novos espaços de liberdade”, em lugar de ações apenas de defesa contra a repressão. Defende, para isso, a articulação dos movimentos das “minorias”, mantendo a autonomia de cada um, sem programa comum, e sim uma rede de intercâmbio que respeite “os próprios ritmos, os próprios níveis de consciência, as próprias linguagens.”<sup>45</sup>

Dividindo a página 12 com a manifestação de Guattari, e, de algum modo, compondo com ela o jeito *Beijo* de ser, o leitor se depara com uma montagem de textos sob o título “Contra o sadio realismo” e assinada por Stella Penido. Trata-se de um conjunto de fragmentos, com muitas inserções e citações, que inclui, importante registrar, citação de um artigo do mesmo André Glucksmann que será atacado páginas adiante. Os dois fragmentos a seguir falam por si – apresentam a “autonomia” mas também, autorreferentes, o movimento do próprio texto e, por que não, do jornal em que se insere, mesmo que através de outra e autorizada voz:

---

<sup>44</sup> *Beijo* n°5, p.9.

<sup>45</sup> *Beijo* n°4, p.11-12.

A autonomia não é um modelo de discurso nem a “última posição política”, mas sobretudo um comportamento cotidiano que usa a ironia, uma linguagem aparentemente incoerente, certos filmes e músicas que escapam aos circuitos familiares de edições, de galerias ou de cinematecas. A identidade do movimento é encontrada fora do perceptível por sociólogos, politicólogos, teóricos de partidos ou de academias. Um comportamento e uma linguagem fragmentada, tudo se desenrola a partir de algumas palavras de ordem imperceptíveis, como se tácita ou instantaneamente se houvesse constituído um novo código de comportamento.

Numa manifestação, os estudantes de Roma gritavam o slogan: “Gui e Tanassi<sup>46</sup> são inocentes, os estudantes são delinquentes.” A ironia provocadora é evidente. Logo depois, um grupo de operários retomava o slogan para manifestar a sua solidariedade, mas eles o traduziram em sua inteligibilidade – “Gui e Tanassi são delinquentes, os estudantes são inocentes.” Os operários diziam a mesmíssima coisa, mas **em termos realistas**; porque simplesmente não podiam aceitar o jogo da ironia. Não por serem incapazes de compreenderem a ironia, mas porque não a reconhecem como forma de expressão política. (Humberto (sic) Eco, *Expresso*, 10 de abril de 1977). (O destaque é meu)

Sem articulação formal, explícita ou necessária entre as partes, estas, ao se justaporem, levam a uma reflexão acerca do “movimento dos autônomos” na Itália, e, a partir dela, a uma outra possibilidade de prática política, o que implica necessariamente a autocrítica final: “[...] de fato falta-nos a coragem de abdicar da grande segurança que nos dá o marxismo, e aceitar nossa fragilidade”.

\* \* \*

O número 5 de *Beijo* – aquele referido por Montenegro como o da “comemoração” dos 10 anos de maio de 68 e que veicula a já comentada entrevista de Glucksmann – se abre com uma pequena nota de Marcos Augusto Gonçalves (“Nós quem, cara pálida?”), espécie de mini-manifesto contra a ideologia do consenso e da unidade que impede as críticas à esquerda, seguida de “depoimentos”, provavelmente inventados, de “estudantes-massa” ou ‘quase’ observadores do movimento de 68, sob o título “68: que apito você tocava?”. A apresentação da matéria informa, dizendo-se surpreendida, “que a maioria dos entrevistados não se mostrou receptiva ao nosso pedido. Não respondeu. Muitos confessadamente por medo.” E anuncia, sem renunciar ao tom irônico, as ilustrações: “citando Antônio Dias (citações que valem Cr\$ 4.000,00, cada, na Gravura Brasileira).<sup>47</sup> E o que se lê nos quatro depoimentos, cujos autores são identificados com pseudônimos também marcados pela ironia – R.P., Avon, I.N.P.S., RGE

---

<sup>46</sup> A nota número 4 do texto explica quem são Gui e Tanassi: “antigos ministros italianos ligados ao escândalo Lockheed”. *Beijo* nº 4, p. 13.

<sup>47</sup> *Beijo* nº 5, p. 2.

– é, ao mesmo tempo, a lembrança de 68 e a crítica ao tempo presente – “É isso que eu penso de 78, quer dizer, 68.” São narrativas/memórias de personagens que se sentem mudados, mas percebem que a retórica dos “líderes” não mudou: “fiquei besta de ouvir o Vladimir, o Travassos, falando como se fosse ontem. Não mudaram nem o estilo, né?”<sup>48</sup> Também a exemplo do que se fez na edição anterior do *Beijo*, aos depoimentos seguem-se dois artigos criticando o movimento estudantil e a relação “massa”/“vanguarda”, a partir da descrição comentada de duas reuniões ocorridas na PUC-RJ. O primeiro – “Os alunos (não) se manifestam” – de Ítalo Moriconi, toma como mote um evento recente, “a manifestação do dia 28”, na PUC-RJ, pró-UNE e em memória de Alexandre Vannucchi Leme e Edson Luís<sup>49</sup>, onde “teve muito da disciplina de uma corporação militar”, diz Ítalo em tom evidentemente provocador, e “liberdade foi o que não se viu na tribuna”[...]. O segundo, “Maio de 77 – Vivendo a história como massa e vanguarda” – assinado por Montenegro, também registra a falta de liberdade de manifestação dos que assistiam ao evento do ano anterior, comparando-o não à disciplina militar, mas à religiosa: “Ritual. Uma missa? Papéis distribuídos com frases ditas pelos líderes e repetidas em coro pela “massa”. Palavras de ordem caídas em cima dos que só precisavam repeti-las. Falar como forma de calar.”<sup>50</sup>

Além da reiteração das críticas ao autoritarismo dentro das esquerdas e do movimento estudantil brasileiro, feitas com o misto de humor e acidez próprios da ironia, *Beijo* nº 5 também abre espaço para outra revisão. Evitando tons comemorativos ou de efeméride, mas, na verdade, sem conseguir escapar a eles como previra o projeto da revista, com o título “Maio de 68 na França: ‘a revolução termina no instante em que é preciso se sacrificar por ela’”, o jornal passa a palavra e apresenta fragmentos de livros franceses publicados dez anos antes, ou

---

<sup>48</sup> *Beijo* nº 5, p.3. Os nomes citados referem-se aos líderes estudantis, Vladimir Palmeira e Luís Travassos, então vivendo no exílio. Banidos em 1969 no episódio da troca de prisioneiros políticos pelo embaixador norte-americano sequestrado, ambos retornariam ao Brasil após a promulgação da Lei da Anistia, no ano seguinte ao da publicação desta matéria. Este mesmo número do *Beijo* publica também, na página treze, uma carta de Ricardo Villas-Boas, ele também um dos 15 banidos de 1969, cobrando anistia ampla e irrestrita para todos os banidos, exilados e presos políticos.

<sup>49</sup> Vannucchi, estudante da USP, foi preso e morto em 1973; Edson Luís foi o estudante secundarista morto pela polícia militar nos confrontos havidos em março de 1968 no restaurante estudantil Calabouço, no Rio de Janeiro, o que gerou uma intensificação nos protestos contra a ditadura militar que culminou na Passeata dos Cem Mil, em fins de junho daquele ano. A prisão e assassinato de Alexandre Vannucchi Leme no tenebroso DOI-CODI em São Paulo também produziu manifestações e protestos já em 1973.

<sup>50</sup> Os dois textos citados dividem a página 4.

seja, no calor dos acontecimentos do ano de 1968, mostrando visões muito diferentes entre si acerca do que foi aquele “Maio” e a violência policial num país democrático.

Indo além das efemérides, este número de *Beijo* também trata da visita ao Brasil do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, acompanhado de sua família. A *Folha de S. Paulo* de 30 de março de 1978<sup>51</sup> destaca as palavras do presidente norte-americano em defesa da “causa da liberdade humana e do Estado de Direito” e o “clima não muito cordial” que o recebeu em Brasília. Como se sabe, nesta visita, Jimmy Carter recebeu documentos com denúncias das torturas, prisões e banimentos perpetrados pelos órgãos da ditadura militar e se encontrou, no Rio de Janeiro, com os cardeais Don Paulo Evaristo Arns e Don Odílio Scherer, que se destacavam na denúncia da tortura, e com o presidente da OAB, Raimundo Faoro. Mas a defesa dos direitos humanos e da democracia não poupou a ilustre visita da sátira nas páginas do *Beijo*, que publicou uma hilariante página dupla (ver reprodução no anexo III): com ilustrações de Norman Rockwell<sup>52</sup>, arma-se quase uma “fotonovela” – *Jimmy e Rosalyn e sua viagem ao país tropical* – cuja narrativa se divide em três partes – *O ser humano, A viagem, Conclusão* – com todos os títulos grafados em “letra manuscrita” com traçado, digamos, “pedagógico”, ou até infantil. O efeito irônico e o humor surgem do choque entre os cromos de Rockwell e as legendas, as quais desconstroem o sentido das imagens já descontextualizadas, seja a partir da paródia dos versos de Drummond, seja de um vocabulário anacrônico e kitsch, ou seja, ainda de uma suposta leitura literal da imagem, e ridicularizam, num efeito de mão dupla, os vários envolvidos neste evento, em que se incluem a “oposição” e os estudantes.

Como um efeito diferido, essas páginas mantêm-se, ainda hoje, capazes de produzir o riso, especialmente quando subvertemos a ordem proposta para a sequência de cromos e lemos, na vertical, a série de três cromos que surge no centro da página dupla. No alto, sob a figura de um homem jovem que tranquilamente lê, sentado sob uma janela enquanto fuma seu cachimbo<sup>53</sup>, lemos: “Uma vida dura, um aprendizado laborioso, são prolegômenos

---

<sup>51</sup> Cf. [http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_30mar1978.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_30mar1978.htm)

<sup>52</sup> Considerado como o “mais amado” ilustrador dos norte-americanos, Norman Rockwell (1894-1978) se notabilizou pelas capas que desenhou (cerca de 320) para a revista *The Saturday Morning Post*: cenas cotidianas, o “american way of life”.

<sup>53</sup> O nome Willie Gillis aparece no dorso do livro ao lado da figura masculina: “*Willie Gillis* foi um personagem criado por Norman Rockwell que esteve presente em 11 capas da revista *The Saturday Evening Post*”, durante o

indispensáveis para quem quer galgar a curul presidencial.” Logo abaixo, a figura de um soldado (ou seria um escoteiro?) vista de perfil, olhando em frente (para o futuro?) e cercado de meninos em clima festivo, tem como legenda: “É necessário conhecer as lideranças emergentes, o futuro guia, do país visitado”. Imediatamente abaixo, vemos a imagem de um ferreiro encorpado, malhando decididamente uma ferradura sobre uma bigorna, observado por várias figuras masculinas, algumas a seu lado, outras que olham por uma janela. E a legenda diz: “Jimmy queria, mas Lula-Metalúrgico não pôde atendê-lo. (Estava super-ocupado forjando a própria liderança sob os olhares dos admiradores).” E não necessitamos de outros comentários!

\*\*\*

O sexto e “último” número do *Beijo*, datado de maio de 1978, e que publicou a já mencionada discussão de Foucault com os “maos”, apresenta algumas diferenças em relação aos números anteriores: é o único em que a capa veicula um texto, ou seja, transforma-se em uma “primeira página” de jornal, e inclui, nas páginas 7, 8 e 9, uma história em quadrinhos.

A matéria da capa é encimada pelo título VERDADE S.A. em letras grandes (ver anexo III) e dividida em duas colunas que ladeiam uma fotografia no mínimo inquietante: o general Pinochet (à esquerda na foto) e o comandante Fidel Castro (à direita), devidamente uniformizados, marchando lado a lado e batendo continência a sabe-se lá o quê. Sob a foto, lemos: Santiago do Chile, dezembro de 1971.<sup>54</sup> Mas nesse texto que discute “a verdade”, ou melhor, que retoma a discussão sobre os “enfrentamentos, disputa por colocações de verdades, disputas de poder”, tanto nas esquerdas como no poder instituído, tanto na grande imprensa como na alternativa, pode-se supor que tudo é ficção: a “NOTA EXPLICATIVA” assinada

---

período de guerra. O personagem, que é figura caracterizada de cidadão simples que virou um soldado na guerra, teve sua história retratada nas mãos de Rockwell e se tornou um ícone do sentimento americano e da postura dos cidadãos na guerra. Muitos chegaram até a acreditar na existência de *Willie Gillis*. Isso é um fato que é marcante nesse período do trabalho de Norman Rockwell: eles foram tão assimilados e admirados pela população, que acabaram estimulando, por exemplo, homens a se alistarem e mulheres a trabalharem, tudo em prol da nação.” Cf. <http://elbestiarium.blogspot.com.br/2012/09/a-obra-cotidiana-de-norman-rockwell.html>

<sup>54</sup> Sobre a visita de Fidel ao Chile no final do primeiro anos do governo Allende, cf. AGGIO, Alberto. Uma insólita visita: Fidel Castro no Chile de Allende. *História*. São Paulo, 22 (2): 151-166, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a09v22n2.pdf>

por Marcos Augusto Gonçalves “explica” que nada é o que parece. O “autor”, Lawrence Polliak, seria “um simpático e afável ancião. Todavia um tanto ardiloso.” O texto, “em que pese ter alguma curiosidade, me parece transmitir uma sensação de *déjà vu* e mesmo de *plágio*”, e, para comprovar, remete o leitor ao livro de Glucksmann discutido na entrevista do número 5 e à página 20 do *Beijo* nº 2 (ou seja, ao texto de Lea Melandri, “A infâmia original”). E para concluir a nota, o lembrete sobre a foto, mostrando mais uma vez que fotografia não é documento: “**Pinochet não é igual a Fidel**”.<sup>55</sup>

No campo dos temas políticos do momento, ganha destaque o embate entre o governo da Itália e as Brigadas Vermelhas, no momento extremamente agudo e grave do sequestro de Aldo Moro e da recusa do governo italiano em negociar. Após 55 dias em cativeiro, Aldo Moro foi assassinado em 9 de maio de 1978. Os textos publicados neste número do *Beijo* foram escritos antes de a ameaça se cumprir, mas quando a morte anunciada já se mostrava irreversível. Além de aludir ao caso através da citação de trechos de cartas de Aldo Moro pedindo por sua vida<sup>56</sup>, *Beijo* publica mais duas matérias especificamente sobre o assunto: a já mencionada e inventada carta das “Brigadas”, e o desesperançado, duro e belo texto de Maria-Antonietta Macchiocchi, “Elogio do anti-herói”, em que a intelectual italiana que vivia na França, ligada ao grupo Tel Quel, faz o elogio e a defesa de Aldo Moro contra os “falcões da política” que o condenavam à morte. Denuncia as hipocrisias e cinismos da política (como a posição da Democracia Cristã que vota contra o aborto, mas não defende a vida de Moro) e a intransigência homicida das Brigadas. Embora não especificamente sobre o caso Moro, um terceiro texto, apresentado por Ricardo Arnt como uma reflexão sobre a crise política na Itália produzida pelo Coletivo Feminista de Trastevere, parte da morte de dois jovens, supostamente fascistas, para alertar sobre o risco de o discurso político do “terror vermelho” tornar-se o alibi para o “terror negro”, e para reafirmar que a luta irrenunciável é pela afirmação da vida. Como se vê, a discussão política reafirma a defesa de novos espaços de liberdade e de um outro olhar para as relações de poder.

---

<sup>55</sup> Embora todo o texto da nota esteja em negrito com os “destaques” sem negrito, no caso da foto esse procedimento torna instável todos os sentidos: Pinochet é/não é igual a Fidel. Registre-se também que o nº 3 transcreve no jornal *Liberation* matéria assinada por Baudrillard sobre o terrorismo na Alemanha.

<sup>56</sup> Júlio Cesar Montenegro: “Eu, hem Rosa? O sol brilha para todos (menos para quem está na sombra). *Beijo* nº6, p. 12. (ver anexo III)

É interessante destacar também, neste sexto número do *Beijo*, a entrevista publicada às páginas 4, 5 e 6, com o título “Beijo entra na moda”, destacado pelas grandes letras em caixa alta e negrito. Sob a palavra moda, em tipos pequenos e entre parênteses, se pode ler: “Entrevista com Gil Brandão”. Se o título adota o princípio da produção do equívoco com a expressão “entrar na moda”, o tema da entrevista e a figura do entrevistado exigem uma leitura mais literal do título: trata-se da moda como tema da conversa. Gil Brandão<sup>57</sup> já aparecera com seus conhecidos moldes para costura na capa e contracapa do número 3. Aqui, o “modelista e ilustrador” (“costureiro”, também se dizia à época; “estilista”, se diria hoje) formado em arquitetura traça um histórico da moda na relação com a economia e com a colonização cultural, defendendo a necessidade de nacionalização da moda brasileira.

\* \* \*

O que vimos até aqui, parece dar razão aos que classificam o *Beijo* como um jornal político. Mas também estão certos os que o definem como um jornal cultural, entendida aqui a cultura em seu sentido mais comum, isto é, as artes, a literatura, a vida e o trabalho intelectual, mesmo quando atravessados pelas tensões políticas mais candentes à época e para este grupo que fazia o jornal.

Observando o conjunto dos seis números analisados, ao focarmos o olhar sobre as matérias que abordam o campo cultural, podemos constatar que o número 1 é o que mais se dedica às artes e à literatura como tema. No geral, o cinema é assunto frequente, especialmente discutindo-se a relação entre o Estado/Embrafilme, o Capital e a produção e veiculação do filme brasileiro. O cinema novo – de novo – entra em pauta e Glauber Rocha é cobrado, em mais de uma matéria, por sua defesa do “cinema nacional” com aceitação do jogo corporativo e dominante. Contraditoriamente para um jornal que defende mudanças no discurso e nas ações, especialmente na esquerda, o artigo que surge já no primeiro número e com chamada na

---

<sup>57</sup> Gil Brandão ficou bastante conhecido no mundo da moda brasileira especialmente a partir do final dos anos 50, quando passou a publicar, durante quase 10 anos, no *Jornal do Brasil* aos domingos, um caderno especial com moldes prontos, desenhos das roupas e instruções para sua confecção. Ao popularizar o uso de moldes, ensinando a costurar com um certo estilo, Gil Brandão propiciou uma democratização do acesso a roupas com estilo e desenho caprichado. Publicou também nas revistas *Manequim* e *Fon Fon*.

capa opõe o “Glauber de ontem” ao “Glauber de hoje”, ironicamente chamado de “guru” e acusado de “adesão” à política cultural do Governo, juntamente com outros cineastas oriundos do Cinema Novo. O principal alvo das duras críticas de Paulo Chaves Fernandes em “Cinema Novo: ‘Força total para a Embrafilme, ordem e progresso’”<sup>58</sup> é Nelson Pereira dos Santos e seu premiado *Tenda dos milagres*, baseado no livro de Jorge Amado, e são associados – ofensa maior – ao pensamento do grupo integralista.

Mas nem só de crítica aos “adesistas” se fazem as matérias sobre cinema no *Beijo*: lemos também, no segundo número, matéria sobre o filme *Barra pesada*, de Reginaldo Farias, com base em argumento de Plínio Marcos, e que trata da violência no Rio de Janeiro (antecipando um tema crucial nos dias de hoje); outra sobre o 5º Festival Brasileiro de Curta-Metragem.

Completam as matérias sobre o cinema o artigo “Cinema marginalizado”, de Carlos Frederico (1945-1994). Neste caso, podemos ler outra linguagem, outro tom: temos um cineasta que fazia “cinema marginal” protestando, não contra a ditadura ou os programas de cultura do governo, mas contra “a ordem estabelecida no cinema nacional no poder”: o descaso da crítica e da “elite”, o desprezo de “todos” àquele “grupo de filmecos alienados”, o boicote nos festivais e o silêncio por parte de censores e exibidores. Para o autor, o cinema desse grupo, que inclui Bressane e Sganzerla, não é marginal; é, sim, marginalizado. A apresentação da matéria, como em algumas outras, insta o leitor a escrever, a participar “do que, esperamos, seja uma polêmica”. Resultados? Não temos como saber.

Também destoando da retórica mais frequente, o artigo “Sem falar/sem calar/mostrar”<sup>59</sup>, ao discutir os vídeos de Sonia Andrade, uma das precursoras da videoarte no Brasil, situa-se em outro lugar crítico, lida com as ficções e destaca como esses vídeos tratam da “(im)possibilidade de comunicação.” E sentencia: “artistas não calam e não falam: mostram.”

O teatro, o design, a música, a televisão, a publicidade, as artes plásticas e o próprio jornalismo também estão nas páginas de *Beijo*, em geral a partir da discussão sobre a inserção ou mesmo a função política vislumbradas, mantendo-se, no confronto entre os diversos textos,

---

<sup>58</sup> *Beijo* n° 1, p.11-13.

<sup>59</sup> *Beijo* n° 1, p. 5. O artigo é assinado por Andreas Hauser (não localizei informações sobre esse autor) e registra Arno Vogel como tradutor.

o choque de posições: uns alinham-se aos discursos hegemônicos da imprensa alternativa de esquerda, outros se filiam mais explicitamente ao projeto para o *Beijo*.

Destaco deste conjunto, no campo das artes plásticas, dois artigos: “Mamãe belas-artes”, de José Resende e Ronaldo Brito, e “O nosso mal evit(e)ch”, de Carlos Zilio<sup>60</sup>. Ambos discutem – e deploram – o cenário brasileiro para as artes plásticas: o primeiro, tomando a psicanálise como base teórica, analisa os compromissos e sintomas (depressivos ou históricos) que o meio artístico local apresenta em seu processo de resistência à arte contemporânea em seu desejo de romper com o estatuto das Belas Artes; o segundo, que toma como mote uma grande retrospectiva de Malevitch exposta em Paris (e que não vem ao Brasil), pergunta: “quais as contribuições que nos trouxeram as ligações da arte plástica brasileira com o circuito internacional de arte?”. A pergunta leva a uma ampla reflexão acerca da “defesa da cultura nacional” que, tanto em sua roupagem fascista quanto na progressista, atende apenas aos “interesses ideológicos de setores da classe dominante”. E dentre as matérias que tratam de música, destaco dois depoimentos – Gilberto Gil e Hermeto Paschoal – e uma entrevista com Christian Clozier<sup>61</sup>. Os dois depoimentos dos já então reconhecidos artistas brasileiros, inseridos no número inaugural do *Beijo*, evidenciam suas diferenças: enquanto Hermeto centra suas questões na relação arte-mercado, e na oposição entre o músico e o comerciante (aproximando-se de algumas posições defendidas nos artigos sobre o cinema), Gil, após questionar as reações do movimento estudantil contra ele desde 1968, defende e deseja uma “revolução tropicalista” em vez de uma única verdade. Podemos pensar que o depoimento de Gil cria uma espécie de caixa de ressonância para as discussões sobre o movimento estudantil que ocuparão, como vimos, muitas páginas em números posteriores do *Beijo*. Em outro diapasão, o músico francês pioneiro nas pesquisas e no desenvolvimento da música eletroacústica, e que estava no Brasil por ter atuado no “<sup>70</sup> Curso Latino-Americano de Música Contemporânea em São João del-Rey”, dá uma entrevista, a início tensa, tocando nas relações de subalternidade entre Europa e América Latina e nos desníveis econômicos e de

---

<sup>60</sup> Respectivamente, *Beijo* nº1, pp.13-15 e *Beijo* nº6, pp.25-27.

<sup>61</sup> “Se uma música fosse banana” (depoimento de Hermeto Paschoal), *Beijo* nº1, p.9; “O ideal tem que ser cada vez menos ideológico” (depoimento de Gilberto Gil), *Beijo* nº1, p.24-26; “O sol bate à janela enquanto um tamborim arrebenta seus tímpanos” (entrevista com Christian Clozier), *Beijo* nº4, p.7-8.

desenvolvimento no campo da música eletroacústica. Mas o que produz mais efeitos do que as palavras ditas pelo entrevistado é a ironia que se estabelece a partir da chamada na capa do número 4 – “O tamborim que ensurdece...” – e, com ela, a desconfiança acerca do que é dito.

E a literatura? Para olharmos a inserção da literatura no *Beijo*, talvez seja útil distinguir os modos de sua pequena aparição: três artigos críticos, dois fragmentos traduzidos<sup>62</sup>, quatro poemas.

No primeiro número do *Beijo*, encontramos os dois artigos de crítica literária em sentido estrito: “Malditos, marginais, hereges”, de Ana Cristina Cesar, e “Desiludir, elucidar”, de Antonio Carlos de Brito, o Cacaso<sup>63</sup>. É interessante notar como os dois textos se confrontam sem se referirem mutuamente: Cacaso comenta e elogia o livro de Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, e Ana Cristina trata, com reservas, da coletânea de contos *Malditos escritores*, ambos lançados em 1977. Enquanto Cacaso considera que o livro de Roberto Schwarz estabelece um novo parâmetro que nos obrigaria “a redimensionar sob nova perspectiva o contexto e o resultado de nova crítica intelectual e universitária”, Ana Cristina denuncia o suposto realismo, critica o nacional-popular e desmonta as estratégias dessa “marginalidade” como efeito de e para o mercado, e pergunta: “Se é pra fazer literatura ‘maldita’ ou ‘marginal’, não há que desafiar as normas reais ou sentimentais dominantes que catalogam os sujeitos merecedores de nossa PENA?” Ou seja, o debate está instaurado já na abertura do jornal, mas praticamente encerra a inserção da crítica em suas páginas e a participação dos dois críticos<sup>64</sup>. Aliás, no caso de Ana Cristina, é Ítalo Moriconi quem revela que, quando este primeiro número do *Beijo* saiu, Ana Cristina já havia se desligado do grupo:

...ninguém entendeu quando ela chegou numa reunião, pouco antes do primeiro número ser levado às bancas, e solenemente comunicou ao coletivo que estava saltando fora do barco. Nunca me esquecerei desse acontecimento, nas minhas retinas sem retinite. Ana Cesar, poderosa, imperadora,

---

<sup>62</sup> Traduções: fragmentos de Henri Michaux, com apresentação de Ronaldo Brito (*Beijo* nº3, pp.16-18), e de De Quincey, apresentado e comentado por Eduardo Neiva Jr (*Beijo* nº4, pp.24-25). Em comum, a questão das drogas e da loucura.

<sup>63</sup> O artigo de Ana Cristina está nas páginas 27-28 e o do Cacaso, nas páginas 6,7 e 8.

<sup>64</sup> O terceiro “texto crítico” que encontramos nas páginas do sexto número do *Beijo* confirma o desaparecimento da crítica: trata-se de “A primeira crítica”, de um suposto Rudolf Plekonev, um dos textos “fakes” publicados no jornal.

a mais inteligente de todos, nos brindando com tapa de luva de pelica, dizendo que não queria mais brincar. [...] Um silêncio sepulcral se abateu sobre a sala lotada da Conselheiro Josino, tinha até gente se São Paulo nessa reunião. Explicação ela não deu, só a ênfase no fato de que não era por ter nada contra ninguém, era só motivo pessoal. Na verdade ela não estava afim de participar do esquema completamente voluntarista de circulação previsto para o *Beijo*.<sup>65</sup>

Quanto aos poemas publicados nos dois últimos números do jornal, temos, no quinto número, dois poemas assinados por Crica, assim apresentada: “Crica. Brotinho. Maria Cristina C.S. Ohana, poeta, 16 anos, 8ª série do Instituto Souza Leão, é isso aí. (Mauro Kosta)”.<sup>66</sup> O destaque para a idade da poeta chama atenção, no fundo, para o choque entre a temática ousada e sexual dos poemas e a adolescência da poeta e nos leva a pensar que não é a poesia que passa a fazer parte do *Beijo* e sim a ousadia comportamental. Do mesmo modo, a poesia continua ausente do número 6, apesar dos dois “poemas” publicados: são apresentados como “crônicas em verso”. Os títulos – “Trio ternura” e “Situation do que hacer” – complementam a ironia e o humor com que os poemas tratam a militância política e ficam ainda mais jocosos quando reencontramos, como autor, aquele Leôncio Kracauer, o “poeta baiano exilado na Nicarágua”, agora apresentado como “intermediário nas negociações Moro-Brigate”. Mas o que chama a atenção logo abaixo das “crônicas em verso” é uma “errata”, que republica pequeno texto, talvez em versos, do número anterior, mudando apenas uma palavra do título: onde se lia “O beijo cafetino”, lê-se “O Beijo cafetino”, numa clara e bem humorada autorreferência.

Embora seja necessário ainda ampliar e aprofundar a análise do periódico, incorporando na série o número que falta, o 7 (ah, o mal dos sete números...), é possível constatar, com esta leitura do *Beijo*, a complexidade da vida cultural e literária brasileira dos anos 70, e que não pode ser lida de modo unívoco a partir da romântica ideia dos heróis da resistência. Trata-se de um campo de forças em que os periódicos tradicionalmente tratados como “de resistência” dividem o papel hegemônico com os discursos oficiais e no qual o menor, o subalterno, o excluído, toma corpo e sobrevive em efêmeras, mas contundentes, manifestações. E se a

---

<sup>65</sup> Moriconi, obra citada, p. 51.

<sup>66</sup> Lembrando que Cláudia, a irmã mais nova de Crica Ohana (ou Kryca Ohana, como passou a assinar), ainda não era atriz global conhecida.

literatura como a conhecíamos foi desaparecendo do *Beijo*, fica a impressão, afinal de contas, de que todo ele é literatura, tal como a reconheceremos. Talvez a derradeira resistência.

Retrocedendo ao *Beijo* nº 1, encontramos, na página 4, um ensaio de Rodrigo Naves, “Beijo e ambigüidade da sedução”, defendendo a sedução – porque sem finalidade e sem função prática, porque ambígua e problemática – como meio ou possibilidade de romper a “existência alienada” (e desmontando, ele mesmo e pela ironia, os jargões e argumentos “típicos da esquerda”). O ensaio termina com uma proposição para o próprio jornal e para os leitores, seguida de uma pergunta, já utilizadas neste texto como epígrafe e que volta para encerrá-lo:

Seria interessante fazer um jornal que se deslocasse da posição de onipotência; seriam interessantes os leitores que deslocassem os jornais de sua posição de onipotência: o fim da polarização.  
A tempo, a pergunta: beijemo-nos?<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> NAVES, Rodrigo. Beijo e ambigüidade da sedução. *Beijo nº1*, p.4. No *Beijo nº2*, Rodrigo Naves volta com o ensaio “O espelho como metáfora da morte”, em que se lê, ao final, após o nome do autor e dedicatória, uma irônica e falsa “nota da redação”: “o autor do artigo acima morreu na Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos – ainda que sem uma posição política clara – em serviços administrativos (burocráticos) e diplomáticos, tendo sido assassinado pela GPU em 1938.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio. *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*. São Paulo: Boitempo Editorial, 225 p.
- BRASIL, Bruno. Por um mundo livre e menos “careta”: a imprensa alternativa durante o regime militar. *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol.124, p.7-20. Rio de Janeiro, 2004 (2007).
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Resistência e crítica: revistas culturais brasileira nos tempos da ditadura. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v.10, n.15, 2010.2, disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic>.
- CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Org. Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 314 p.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999, 462p.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Sur la justice populaire. Débat avec les maos. *Dits et écrits*, vol.II. Paris: Gallimard, 1994, p.340-369.
- \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, 4 vol.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. O quarto Augusto, Rio de Janeiro 1979. *Ilustríssima. Folha de S.Paulo*, 4 de março de 2012, p. 7.
- \_\_\_\_\_. *Pós-tudo – 50 anos de cultura na Ilustrada*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991, 399 p.
- LIMA, Marcus Antonio Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPrensa-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>
- LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Trad. Antonio Carlos dos Santos. Chapecó-SC: Argos, 2002, 309 p.
- MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Prefeitura, 1996, 150p.
- NAVES, Rodrigo. Beijo e ambigüidade da sedução. *Beijo nº1*. Rio de Janeiro, novembro, 1977, p.4.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. 45ª ed. - São Paulo: Globo, 1995.

## ANEXOS

### I – E-mail enviado por Julio Cesar Montenegro

Fri, 11 Nov 2005 11:16:41 -0200

Profa. Maria Lúcia,

Achei que esse correio para um amigo meu pode lhe interessar (ou a seus alunos) na parte que fala do fim do Opinião e do Beijo. Mais uma vez muito obrigado pelo cd. Júlio

[...]

Uma das coisas que leva as pessoas a precisarem acreditar em algo maior, deve ser a imensa teia de causalidades (?) que cercam cada pequeno acontecimento. O nome do BEIJO foi resultado do processo rico/tumultuado que culminou na ida às bancas daquele imenso fracasso editorial. A gente, umas 20 pessoas, se reunia no apartamento onde Diter (Stein), Jean-Claude (Bernardet) e eu morávamos no Humaitá.[...]. Na época havia uma polêmica muito grande sobre um certo moralismo da esquerda herdeira do Partidão que queria levar o proletariado ao poder e silenciar quaisquer outras discussões para depois. A desculpa era que a ditadura era o inimigo maior e sobre ela deveriam se concentrar nossas baterias. Nada de críticas, por exemplo, ao fraco livro Fazenda Modelo e à peça Gota D'água do Chico Buarque, nosso aliado contra a ditadura. Como editor de Tendências & Cultura do Opinião rompi essa cumplicidade publicando textos que desafiavam o coro dos (des)contentes. Uma das vítimas que muito reclamou foi o Cacá (pra mim caca mesmo) Diegues com o filme Xica da Silva. O filme estreado, apareceu no *Opinião* um negra linda, Beatriz Nascimento, furiosa porque mais uma vez era mostrada uma negra, a Xica, ascendendo socialmente pela fogosidade sexual. Pedi para ela escrever o que estava dizendo que seria publicado. Daí apareceu um diretor de cinema, Carlos Frederico que depois fez um filme onde apareço mas nunca vi: Lerfá Mu, descendo a lenha na Xica do Cacá sob o título Abacaxica. O dono do jornal, Fernando Gasparian, que se amarrava em intelectuais estrelas como o Fernando Henrique (Cardoso) já era, ficou preocupado com a possível reação do prestigiado diretor de cinema e encomendou uns artigos "a favor" para contrabalançar. Lembro de um fraquíssimo que o Antonio Callado escreveu aparentemente pra se ver livre da encomenda. Mas os panos mornos não adiantaram e o Cacá mandou uma carta até com palavrões, segundo Gasparian que nem mostrou a carta que eu, com democrática maldade, queria publicar. Depois disso foi que ele criou as tais "patrulhas ideológicas" que critiquei em carta publicada, acho, na Isto É, dizendo que se patrulhava com

armas. Escritos poderiam ser respondidos com outros que eu publicaria. Só que nessa altura já havíamos publicado outras críticas a mandarins da esquerda encastelada em posições de saber/poder que pediram minha cabeça ao patrão. Uma das matérias perturbadoras da boa consciência "esquerdista" foi copiada da *Nouvel Observateur* francesa. Era uma pergunta feita a queima-roupa por telefone a uns vinte intelectuais tidos como materialistas ou conhecidos espiritualistas: "O que você faz pelo seu corpo?" Quase todos responderam como se o corpo fosse algo diverso de quem estava respondendo, tipo "procuro tratar bem o meu corpo", por aí. Coincidentemente o marxista perseguido Nelson Werneck Sodré e o católico reacionário Gustavo Corção responderam parecido e dando pouca importância ao corpo. A única exceção foi Clarice Lispector: "O que eu faço pelo meu corpo? Meu corpo sou eu." Dá-lhe Clarice. Nelson Werneck escreveu pro Gasparian se queixando do que considerava sacanagem e logo na época do... Natal! Que belos marxistas tivemos! O nome do artigo foi uma dica sobre o que a quase totalidade pensava/dizia: TIRANDO O CORPO FORA. Por tudo isso e mais alguma coisa e por mais que eu me compromettesse a publicar o que mandassem (publiquei inclusive uma crítica pertinente do Jean Claude Bernardet à seção que eu editava), a esquerda poderosa resolveu boicotar o *Opinião* e o Gasparian me convidou a sair. Acontece que a gente ganhava pouco sob alegação da liberdade que desfrutávamos na redação. Quando fomos enquadrados pelo dono, comunicamos a ele (o pessoal ficou solidário comigo) que nos comportaríamos como empregados demitidos, iríamos reclamar férias, 13º, aviso prévio. Como dava pra provar vínculo empregatício, toda semana estávamos no expediente da publicação, fomos demitidos e devidamente indenizados. Uns dois números depois *Opinião* fechou. Foi nesse clima que se concebeu uma revista que falasse do corpo, do desejo, do machismo, do feminismo, de muita coisa que os herdeiros do stalinismo recalçavam. Nas reuniões, entre os nomes sugeridos, um rapaz muito bonito e calado, Demétrio (duma família rica de Petrópolis, onde depois morreu como mendigo, segundo me contaram) sugeriu *Beijo*. Não provocou muito entusiasmo justamente por ir fundo demais na nova direção pretendida. Notei isso e fiz uma proposta: como estávamos em época de censura se fosse escolhido *Beijo* eu entraria com o nome da editora Boca Ltda. (Carlos Henrique) Escobar, o mais tradicional esquerdista da turma, entregou os pontos: não dava pra recusar a combinação de *Beijo* com Editora Boca Ltda. Foi assim. Mas fica muita coisa de fora. Depois eu conto (como diria Ibrahim), ou não (como Gil e Caé).

Júlio, um velho cheio de boas lembranças.

## **II - Marcos Augusto Gonçalves**

“Um jatinho na mão e umas idéias na cabeça”. Texto (abaixo) de Marcos Augusto Gonçalves sobre a renovação que foi feita na Ilustrada a partir de 1981, “Os menudos no poder”, no livro Pós-tudo – 50 anos de cultura na Ilustrada, de sua autoria, publicado pela Publifolha, São Paulo, em 2008, págs. 100 a 103. Disponível em <http://caiotulio.com/50-anos-da-folha-ilustrada>

[...]

Matinas, naturalmente, substituiu Caio no comando da Ilustrada, e Renata Rangel tornou-se sua sub. Ele assumiu no início de 1983. Foi o grande editor de cultura, o mais imaginativo, ambicioso e antenado de todos, naqueles anos vertiginosos em que a Folha despontou como a grande novidade da imprensa brasileira e a Ilustrada como o caderno mais lido, amado e odiado do país.

No final de 83, por indicação de Rodrigo Naves, ele me convenceu a deixar o Rio para ser seu editor-assistente, cargo que assumi em fevereiro de 1984. Eu o havia conhecido – juntamente com Caio e Rodrigo Naves – no segundo semestre de 1977, quando participávamos das discussões para a criação de um jornal alternativo intitulado Beijo, uma articulação de Julio Cesar Montenegro, o ex-editor de cultura da última fase do jornal Opinião, que tinha fechado as portas em abril daquele ano.

O Beijo funcionava de maneira peculiar, na linha da autogestão: todas as 40 pessoas que se cotizaram e venderam assinaturas para iniciar o jornal apareciam no expediente como diretores. Ninguém ganhava nada e tudo era discutido e resolvido em reuniões infundáveis. Durou seis números.

Direta ou indiretamente, os antigos colaboradores do Opinião e os recém-chegados ao Beijo influenciaram a Ilustrada. Para citar alguns deles, além de Caio, Matinas e Rodrigo: o sociólogo Gilberto Felisberto Vasconcellos (que foi editorialista da Folha e colunista da Ilustrada), os críticos de cinema Jean-Claude Bernadet e Sérgio Augusto, o jornalista Wilson Coutinho (que posteriormente foi repórter e crítico de arte da Ilustrada), a poeta Ana Cristina Cesar, o professor e poeta Cacaso, o crítico de arte Ronaldo Brito, o artista Waltercio Caldas, os ensaístas Laymert Garcia dos Santos e Stella Senra, além de um tipo ímpar, egresso da luta

armada, o sociólogo Fernandinho Mesquita – que também escrevia numa revista alternativa dessa área, chamada Cine Olho.

“Essa turma tinha uma reflexão sobre jornalismo cultural” diz Matinas. Nessa reflexão, era corrente a ideia de que a intervenção no plano da linguagem poderia ser mais interessante e subversiva do que a simples explicitação de conteúdos políticos em formatos consagrados. Nessa linha, o pessoal do Beijo mantinha uma relação lúdica com os elementos da linguagem jornalística, como uma maneira de relativizar e “denunciar” os mecanismos que confeririam objetividade e verdade ao conteúdo da imprensa. Isso se traduzia, por exemplo, na autonomia da informação visual em relação à textual, na diagramação heterodoxa, na seleção de títulos e na própria feitura dos artigos.

Na verdade, o pessoal da ECA, que fora vanguarda na greve de 1975, já havia exercitado muitas dessas ideias num incrível jornal estudantil chamado Avesso. Um de seus números mais interessantes trazia uma enorme fotografia de Mao Tsé-Tung e versos de “Uma Estadia no Inferno”, de Rimbaud [na realidade, eram versos de Pablo Neruda]. Era uma crítica ao culto à personalidade, mas desavisados viram um sinal de que o movimento estudantil estava se radicalizando em direção ao maoísmo.

Um dos editores do Avesso, Rodrigo Naves, levou ao Folhetim algumas dessas características – não por acaso ele lembra com especial carinho de um número do suplemento cujo tema de capa era o falso [ver página 252 do livro].

[...].

III – Imagens das Capas e contracapas e de algumas páginas citadas



Capa do número 1

BEIJO - 2

# beijo

3                      10                      21

Constituinte - O jogo da múltipla escolha                      Música: Uma reticência entre parênteses                      Televisão: Um produto nacional culto

4                      11                      24

Beijo e a ambigüidade da sedução                      Cinema Novo: "Força total para a EMBRAFILME, Ordem e Progresso"                      Gilberto Gil: "O ideal tem que ser cada vez menos ideológico"

5                      27

Sem falar, sem calar, mostrar                      Malditos, Marginais, Hereges

6                      14                      29

Desludir e elucidar                      O capitalista não é mais aquele...                      Em torno da Burrítzia

9                      16                      30

Se a música fosse uma banana                      Domingos Moura da Silva: A Questão Agrária no Brasil                      Designológico: O projeto crítico de um crítico projeto

BEIJO É UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA BOCA LTDA.

Diretores:

Alfredo Herkenhoff  
Ana Cristina Cesar  
Antonio Carlos de Brito  
Caio Tullo Vieira Costa  
Carlos Henrique Escobar  
Demétrio de Oliveira Gomes  
Diter Stein  
Genilson Cezar  
Gilberto Vasconcelos  
Henrique Antoun  
Italo Moriconi Júnior  
Joatan Vilela Barbel  
Julio Carlos de Figueiredo Mariano  
Julio Cesar Montenegro  
Julio Menezes Rocha  
Luiz Costa Lima  
Luiz Renato Martins  
Luiz dos Santos Mermelstein  
Maria Leny Condino  
Maria Beatriz de Medeiros  
Marcos Maffei Jordan  
Marcos Augusto Machado Gonçalves  
Mauro Costa  
Mateus Sampaio Soares de Azevedo  
Matias Suzuki Júnior  
Paulo Chaves Fernandes  
Paulo Tarcisio Campos de Andrade  
Paulo Venâncio Filho  
Ronaldo Brito  
Roberto Aimbinder  
Reinaldo Leitão Paes  
Ricardo Arnt  
Ricardo Lins  
Roberto Ventura  
Rodrigo F. Naves  
Silvia Bregman  
Silviano Santiago  
Vera Sayão  
Vinicius de Ávila Dantas  
Waltercio Caldas Júnior

Colaboraram neste número:

Andreas Hauser, Arno Vogel, Victória Mussi, Regina Rebollo, Mariana Monteiro, Ricardo Bueno, Dermeval Coutinho, Maurício Villela, Tintin, Andre Klotzel, Marcos Vinicio, Fernando Mesquita, Delfim Afonso Junior, Willy Correa de Oliveira, Hermeto Pascoal, e José Castello Branco.

Diretor Responsável:  
Genilson Cezar

Administração:  
Julio Cesar Montenegro

Redação: Rua Comelheiro Josino, 29/205 - Bairro de Fátima, Rio de Janeiro-RJ. Composto e impresso na Arca Editora e Gráfica SA, rua Equador, 702 - RJ. Distribuição: Fernando Chinaglia Distribuidora SA, rua Teodoro da Silva, 907 - RJ.  
CGC n.º 29740834/0001-15

Número 1, página 2

# CONSTITUINTE O JOGO DA MÚLTIPLA ESCOLHA

MARCUS AUGUSTO E GENILSON CEZAR

*Sociólogos, democratas, empresários, portadores de doença infantil, Ulisses, autênticos, estudantes, militares, moderados... de repente o debate. Pactos, reconciliações, aberturas, reformas. Capa de revista: e os operários? Constituinte. Como? Por quê? A quem serve? Bandeiras amplas. Saídas cristãs, saídas verdadeiras, saídas populares, saídas democráticas. Declarações. Quem é quem? Sabe-se até o ponto - aqueles que frequentam as páginas da política - em que se avizora o sujeito da declaração. Mas que interesses operam ao fundo? Resta ao leitor imaginá-los de acordo com seu conhecimento, maior ou menor, desse ou daquele declarante. Evidentemente, as coisas não são tão homogêneas, ao menos no plano das intenções. Mas qual a eficiência política nesse plano? Abaixo, algumas das recentes declarações oriundas de vários segmentos da oposição e situação (oficial e oficiosa). Um teste e um estímulo ao talento dedutivo do leitor, que terá na múltipla escolha um auxílio para a tarefa que, concordamos, não é das mais fáceis.*

1) "A defesa das liberdades públicas, da democracia, das eleições livres, da participação de todas as nossas forças vivas no comando da nação. A defesa de um regime representativo e responsável em que o Executivo, e Judiciário e o Legislativo o exercam, com independência e harmonia o governo da república. Isso é o que queremos para o Brasil."

- a) Francisco Weffort;
- b) Magalhães Pinto;
- c) Paulo Brossard;
- d) Octávio Ianni;
- e) Fernando Henrique Cardoso;
- f) Antônio Vilela;
- g) Sérgio Buarque (movimento);
- h) Laerte Setúbal;
- i) Herbert Levy;
- j) "Essa grande número de manifestações que vem ocorrendo no Brasil é basicamente a formação de uma opinião pública. E isso deverá ter, seguramente, um reflexo imediato, direto, muito significativo no comportamento do próprio governo. Ou, poderia dizer, no comportamento do próprio sistema, porque, a partir da circunstância de que existe uma opinião pública, e essa opinião pública é revelada, não será possível que uma pessoa ou um grupo fale em nome desta opinião pública; se estiver frontalmente agindo contra o que ela pretende."

2) "... Volto a dizer, é preciso neste momento que se propoza uma espécie de compromisso político. Este compromisso político é o seguinte: as oposições brasileiras de muito sofridas, apesar de que este sofrimento custou para muitos até a vida, estão dispostas, não obstante, em vez de levar uma guerra de morte entre o regime a dizer: temos ainda uma chance, uma oportunidade de construir um pacto constitucional que nos permita regulamentar a vida política brasileira por uma década, duas décadas, enfim, pela duração que uma constituição possa ter."

- a) Octávio Ianni;
- b) Fernando Henrique Cardoso;
- c) Paulo Brossard;
- d) "Anteriormente, eu assegurava que a maioria dos empresários não deseja a abertura política. Agora tenho que rever minha posição, entendendo que a maioria é favorável. Ouvi palavras de apoio à liberalização vindas de todo país e de diferentes formas. Devemos, portanto, buscar a volta ao estado de direito."

3) "Sérgio Buarque, (movimento); Laerte Setúbal; Herbert Levy;

4) "Essa grande número de manifestações que vem ocorrendo no Brasil é basicamente a formação de uma opinião pública. E isso deverá ter, seguramente, um reflexo imediato, direto, muito significativo no comportamento do próprio governo. Ou, poderia dizer, no comportamento do próprio sistema, porque, a partir da circunstância de que existe uma opinião pública, e essa opinião pública é revelada, não será possível que uma pessoa ou um grupo fale em nome desta opinião pública; se estiver frontalmente agindo contra o que ela pretende."

- a) Ulisses Guimarães;
- b) Pedro Simon;
- c) Papa Jr;
- d) Fernando Gasparian;
- e) "A representação nacional, emanada livre da vontade do povo, enunciada nas ruas, sendo a mais alta expressão de seu poder soberano, é o meio legítimo e natural para, através do consenso, diminuir os conflitos, corrigir as injustiças, eliminar confrontos e encontrar os pontos de convergência para a definição de novos rumos."

5) "Pregamos uma constituinte sem paz. Não pregamos a derrubada do governo, não estamos agitando o povo, não estamos concludando a revolta - estamos apenas afirmando que essa é a melhor solução. Aliás, temos que admitir que foram camadas de representatividade da sociedade, que de certa forma, levaram o MDB a esta posição. Um líder da executiva nacional da Arena dizia que a constituinte só sairá com o Presidente Geisel. Ninguém está dizendo que a idéia da Constituinte é contra ele. Final, seria a grande saída: o presidente Geisel convocar a Constituinte."

- a) Ulisses Guimarães;
- b) Pedro Simon;
- c) Papa Jr;
- d) Fernando Gasparian;
- e) "A representação nacional, emanada livre da vontade do povo, enunciada nas ruas, sendo a mais alta expressão de seu poder soberano, é o meio legítimo e natural para, através do consenso, diminuir os conflitos, corrigir as injustiças, eliminar confrontos e encontrar os pontos de convergência para a definição de novos rumos."

6) "A representação nacional, emanada livre da vontade do povo, enunciada nas ruas, sendo a mais alta expressão de seu poder soberano, é o meio legítimo e natural para, através do consenso, diminuir os conflitos, corrigir as injustiças, eliminar confrontos e encontrar os pontos de convergência para a definição de novos rumos."

- a) Cláudio Bardela;
- b) Documento do MDB;
- c) Diálgamo Monteiro;
- d) "Uma Constituinte pode ser um remédio excelente. Como está sendo na Espanha. Eu considero a Espanha hoje em dia, mais do que Portugal, uma coisa extraordinária. Na Espanha brota a vida depois do inverno, no Brasil do Norte hoje a vida brota depois da seca. Mas, a verdade depois da seca. Mas,

7) "Uma Constituinte pode ser um remédio excelente. Como está sendo na Espanha. Eu considero a Espanha hoje em dia, mais do que Portugal, uma coisa extraordinária. Na Espanha brota a vida depois do inverno, no Brasil do Norte hoje a vida brota depois da seca. Mas, a verdade depois da seca. Mas,

- a) Rodrigo Otávio;
- b) Tristão de Ataíde;
- c) Glauber Rocha;
- d) "A Constituinte só pode ser feita dentro da estrutura partidária existente, ou seja, com Arena e MDB, porque

8) "A perspectiva de eleição de uma maioria conservadora, como em 1946, embora possível, deve ser melhor avaliada. As comparações históricas não podem ser feitas mecanicamente, desconhecendo 30 anos de evolução política do novo, que incluiu o esgotamento de populismo, a urbanização acelerada dos últimos anos, a proletarianização de uma camada considerável da população brasileira, a atual crise política, e o não menos avanço das lutas democráticas em todo o mundo (...). Se tudo isso não excluía a possibilidade de uma maioria conservadora dominar a Constituinte é pela falta de tradição de luta e desorganização ainda existente na Oposição. Mas, de qualquer maneira, tiraria muito da solidez dos setores antidemocráticos, e possibilitaria uma discussão mais ampla de todos os problemas, embora não se possa esperar que a solução venha simplesmente da Constituinte."

- a) Nelson Werneck Sodré;
- b) Eduardo Neto (do Movimento);
- c) Amaral Peixoto;
- d) "Na medida em que a eleição para a Constituinte seja precedida das medidas que defendemos (amnistia ampla, fim de AI-5, etc.) e que permitirão o debate amplo dos problemas nacionais, próprio de uma campanha realizada com liberdade, a tendência da nova assembleia é a de ser representativa da sociedade brasileira. Em 1946 não duplhamos dos grandes meios de comunicação que permitem hoje a formação da opinião pública a nível nacional."

9) "... Todos coincidem no desejo de ver reconstituído o país. E todos podem compreender e alguns já estão compreendendo, que isso só poderá ser feito da forma democrática e duradoura, com a elaboração de uma Constituição através de uma constituinte soberana e livremente eleita. Esta é justamente a bandeira ampla que pode unir a todos esses setores, já que não contraria os interesses de nenhum deles. Mesmo entre os grandes empresários e fazendeiros, de um modo geral satisfeitos com o modelo econômico vigente, há setores que podem aceitar a bandeira da Constituinte, porque não colocam como pressuposto nenhuma modificação estrutural na ordem econômica."

- a) Carlos de Medeiros e Silva;
- b) Fernando Henrique Cardoso;
- c) Chico de Oliveira;
- d) Raimundo Rodrigues Pereira;
- e) "Defendendo totalmente a premissa de que a democracia tem que ser forte, armada de instrumentos que a garantam contra seus inimigos, mas esses instrumentos devem ser democráticos, não fruto de arbítrio. Devem garantir a segurança do Estado contra o extremismo, a segurança do indivíduo contra o Estado, as liberdades individuais e as liberdades coletivas."

10) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

11) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Nelson Werneck Sodré;
- b) Eduardo Neto (do Movimento);
- c) Amaral Peixoto;
- d) "Na medida em que a eleição para a Constituinte seja precedida das medidas que defendemos (amnistia ampla, fim de AI-5, etc.) e que permitirão o debate amplo dos problemas nacionais, próprio de uma campanha realizada com liberdade, a tendência da nova assembleia é a de ser representativa da sociedade brasileira. Em 1946 não duplhamos dos grandes meios de comunicação que permitem hoje a formação da opinião pública a nível nacional."

12) "A perspectiva de eleição de uma maioria conservadora, como em 1946, embora possível, deve ser melhor avaliada. As comparações históricas não podem ser feitas mecanicamente, desconhecendo 30 anos de evolução política do novo, que incluiu o esgotamento de populismo, a urbanização acelerada dos últimos anos, a proletarianização de uma camada considerável da população brasileira, a atual crise política, e o não menos avanço das lutas democráticas em todo o mundo (...). Se tudo isso não excluía a possibilidade de uma maioria conservadora dominar a Constituinte é pela falta de tradição de luta e desorganização ainda existente na Oposição. Mas, de qualquer maneira, tiraria muito da solidez dos setores antidemocráticos, e possibilitaria uma discussão mais ampla de todos os problemas, embora não se possa esperar que a solução venha simplesmente da Constituinte."

- a) Nelson Werneck Sodré;
- b) Eduardo Neto (do Movimento);
- c) Amaral Peixoto;
- d) "Na medida em que a eleição para a Constituinte seja precedida das medidas que defendemos (amnistia ampla, fim de AI-5, etc.) e que permitirão o debate amplo dos problemas nacionais, próprio de uma campanha realizada com liberdade, a tendência da nova assembleia é a de ser representativa da sociedade brasileira. Em 1946 não duplhamos dos grandes meios de comunicação que permitem hoje a formação da opinião pública a nível nacional."

13) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

14) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

15) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."



MARCUS VINICIUS

para o êxito de uma Constituinte, para que ela termine como um grande remédio, é preciso restabelecer as liberdades fundamentais, tais como as de expressão, de associação, etc. São condições preliminares para uma verdadeira Constituinte, eleita livremente por voto direto. É uma utopia possível. Não acredito em lutas intestinas. O temperamento do brasileiro e as condições históricas da nossa política são contra. E também porque esses 13 anos nos operaram uma anestesia que colaborou com o lado frágil e perigoso das virtudes brasileiras."

- a) Rodrigo Otávio;
- b) Tristão de Ataíde;
- c) Glauber Rocha;
- d) "A Constituinte só pode ser feita dentro da estrutura partidária existente, ou seja, com Arena e MDB, porque

16) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

17) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

18) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

19) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

20) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

21) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

22) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

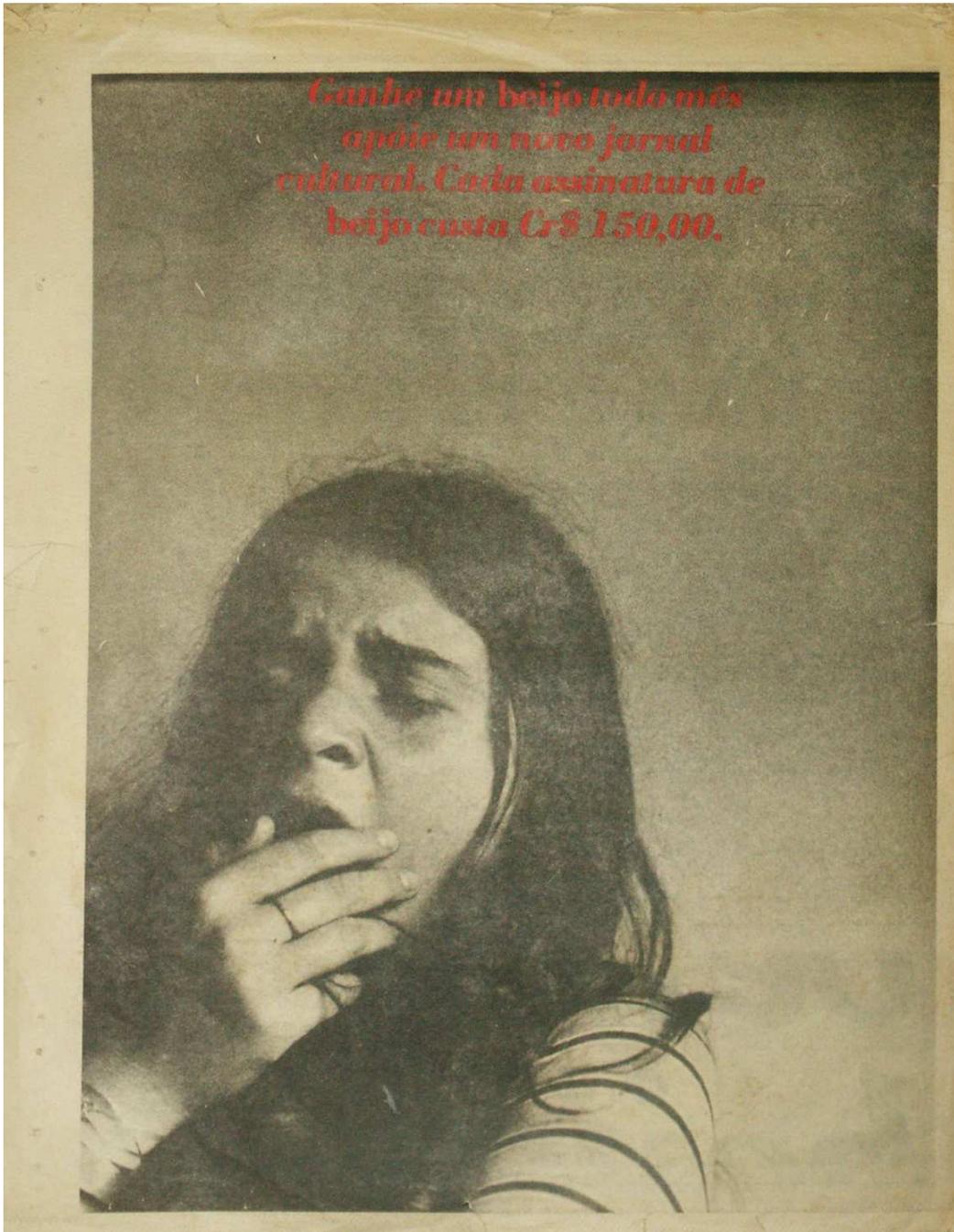
- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

23) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

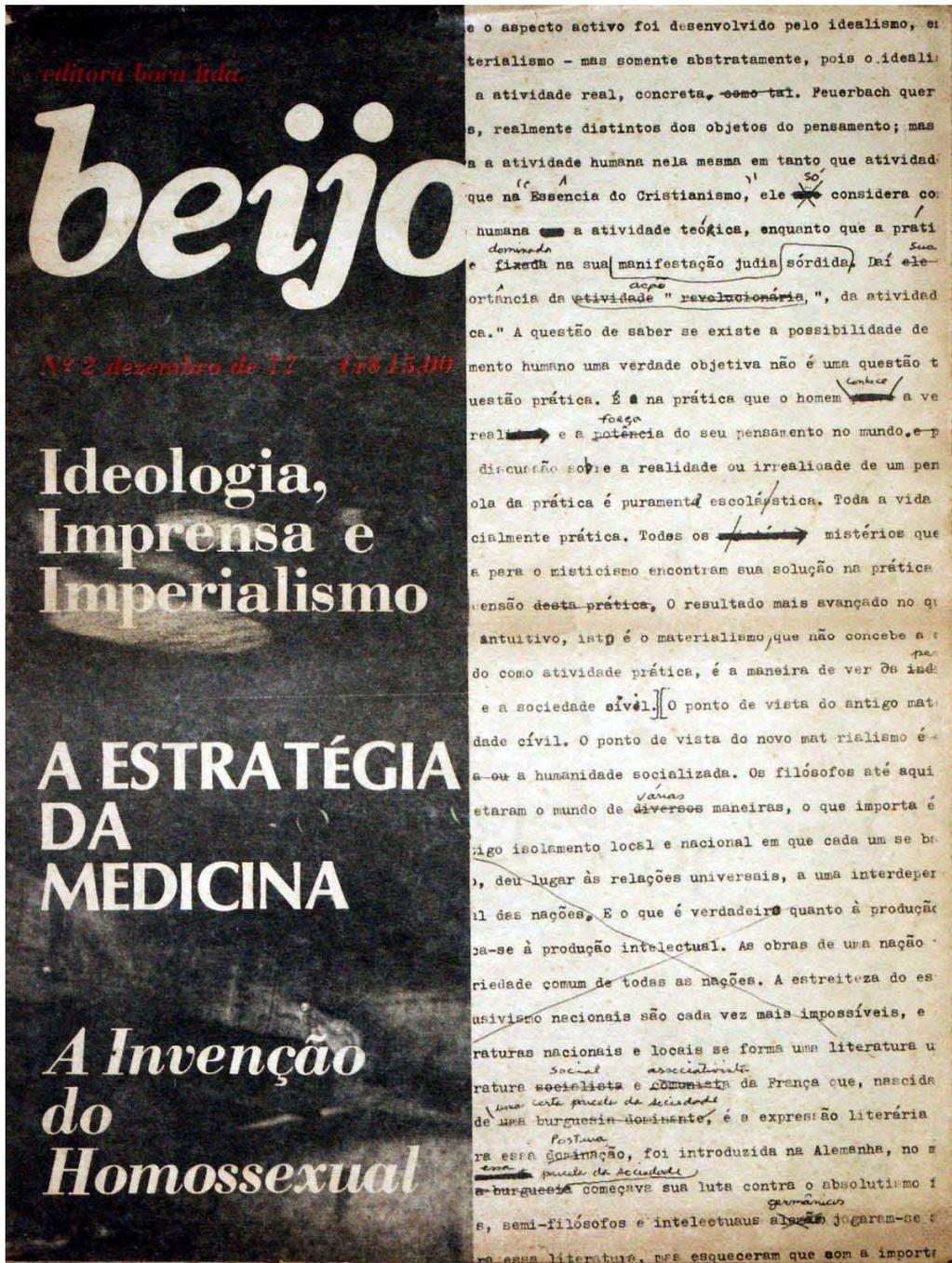
- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."

24) "Hoje, como ontem, a convocação de uma Nacional Constituinte significa redemocratização, possibilidade de diálogo democrático entre as diversas forças políticas e sociais do país. Que outra solução existe para o impasse a que chegamos além da convocação de uma constituinte? Não vejo outra."

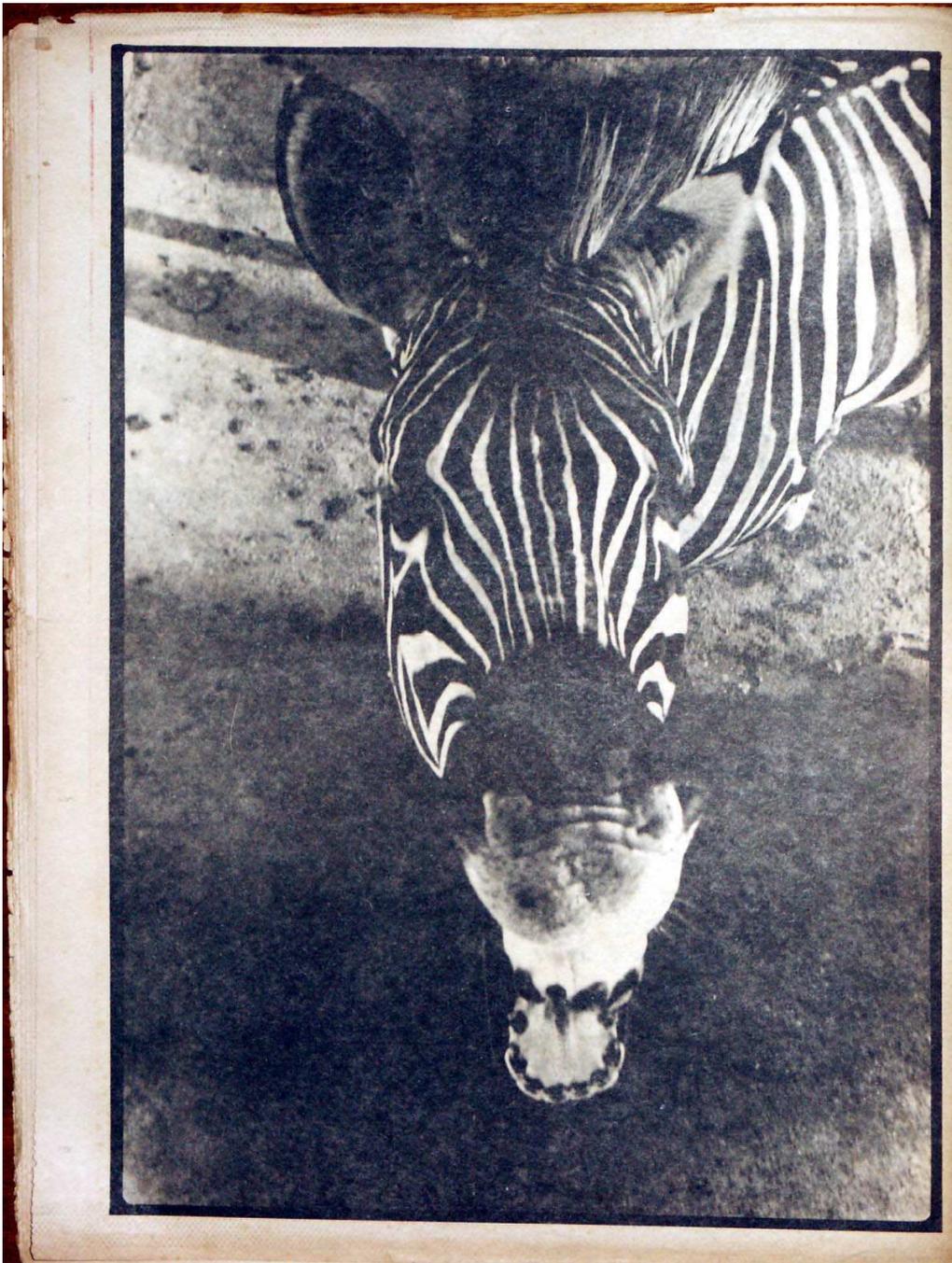
- a) Jorge Amado;
- b) Chico Pinto;
- c) Alomar Baleeiro;
- d) D. Angélico Bernardine;
- e) "Não há democracia, no meu conceito, sem eleições porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido. Só o voto legítimo o Governo. Não há democracia sem direitos e garantias individuais; não há democracia sem um perfeito entendimento entre as classes no coobjetivo de se alcançar o bem social. Não há democracia sem independência dos Poderes em esfera de sua independência. Em resumo, considero que a democracia virá com a supressão dos Ato Institucional, e com modificações, ampliações e supressões da Constituinte de 67. Mas os atos excepcionais não podem ser substituídos sem substituí-los por um mecanismo que assegure a defesa da democracia e da ordem."



Contracapa do número 1



Capa do número 2

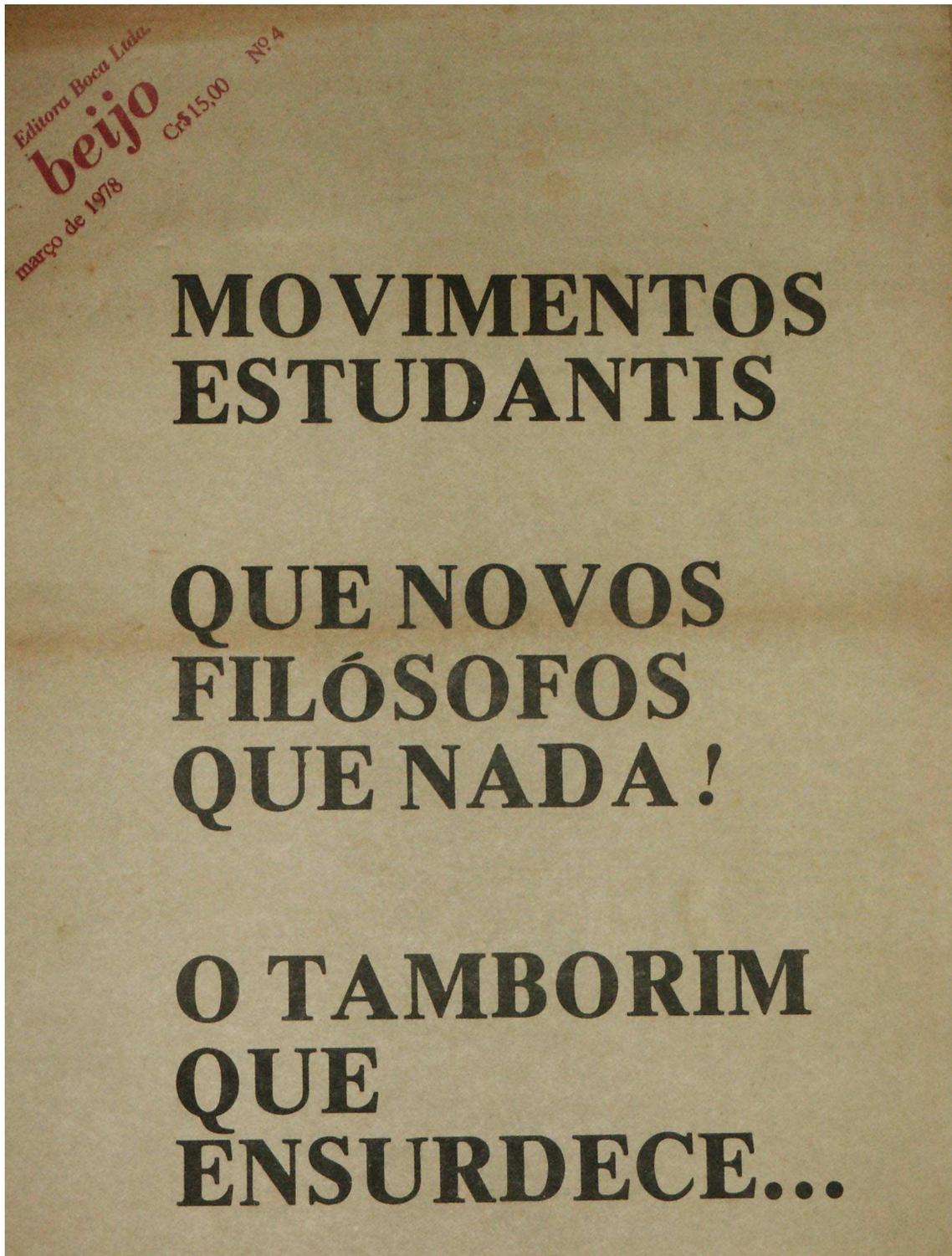


Contracapa do número 2

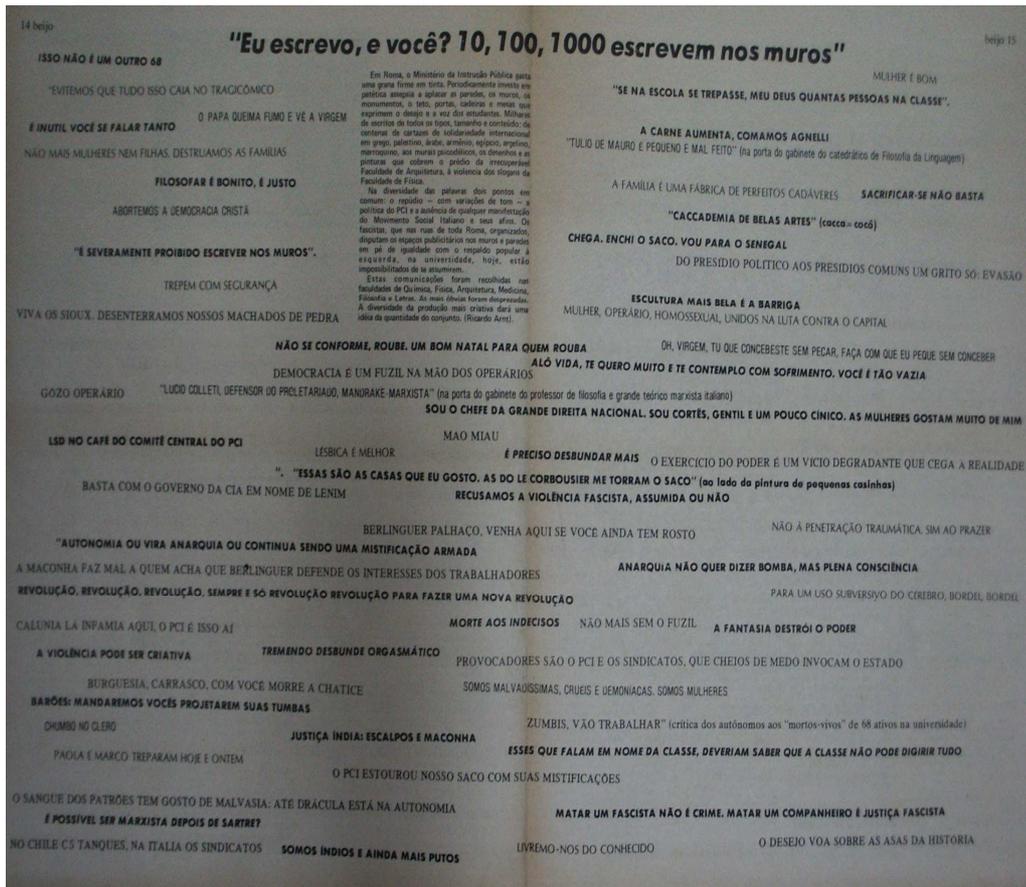


Capa do número 3





Capa do número 4 (a contracapa deste número se apresenta totalmente em branco)



Número 4, páginas 14-15



Número 4, página17



Capa do número 5, de abril de 1978



Número 5, páginas 14-15



Contracapa do número 5

eram individualmente menos submetidas, e por isso não sofreram a situação, simplesmente se adaptaram às normas.

Todas as mulheres se sentem exploradas e frequentemente reagem com a friidez, determinada pela dependência no interior da relação e pela ignorância das próprias exigências físicas e psíquicas. Elas foram ligadas aos incapazes de experimentar prazer físico. Entretanto, são estág incapazes de ter orgasmo em geral. Mas a maioria não seria frígida se tivesse relações sexuais diferentes. Elas continuam a fazer amor com os homens e, muitas vezes, simulam o orgasmo porque se sentem condicionadas a fazê-lo para obter amor.

O casamento quase sempre acontece nos momentos em que as mulheres se sentem mais sozinhas e enfiadas. Com o casamento, tentam adquirir um pouco de confiança e de afirmação. E a fuga de um mundo externo e proibido para um mundo interno, que não pode manter o que prometia.

*O que mais confunde as mulheres é o mito da norma. Não querer fazer amor com o marido todas as noites, não ter orgasmo, não se sentir realizada no trabalho doméstico e na educação dos filhos, significa sempre: você não é normal, especialmente no campo sexual, onde as mulheres escapam o controle sobre as normas. Elas devem aceitar o que dizem os homens e os mass-media. Para elas, um "fracasso" sexual significa um fracasso total, porque a sua identidade se dá principalmente através de sua função de ser sexuado. (Anke L., na sua fase de friidez: "Me sentia um indivíduo de segunda classe. Dizia a mim mesma: você pode ser reprovada em todas as provas, mas nessa você tem que passar".)*

Neste ponto, as mulheres que, quando meninas eram muito vivas, já foram reduzidas a "seres relativos" (Simone de Beauvoir).

Também as mulheres solteiras, no trabalho, não escapam às incertezas dilacerantes do papel feminino. Correm o risco de uma cena para outra e, muitas vezes, pagam o relativo sucesso profissional (isto é, num campo dominado pelos homens) com a submissão na vida privada, especialmente no campo sexual.

Todas as mulheres, sem exceção, vivem o primeiro orgasmo (se ele existiu) numa situação na qual a objetiva superioridade do homem é suavizada por uma relação de forças favoráveis à mulher. Estes homens são descritos como "doces", "inseguros" e "não exigentes". Isto significa que todos os homens com os quais as mulheres conseguem viver uma sexualidade satisfatória são "no sentido positivo", "não masculinos". Quanto mais um homem se comporta de maneira masculina e potente, mais diminuem as probabilidades de que a mulher se sinta sexualmente satisfeita. Toda a impor-

tância dada à potência masculina não tem fundamento, pelo menos no que concerne às relações heterossexuais. Precisamos saber a quem serve, certamente não às mulheres.

Um fator muito importante é a integração do coito com outras práticas sexuais (oro-genitais e manuais). Nenhuma das mulheres entrevistadas falou explicitamente que costuma ter um "orgasmo vaginal" - isto é, pela simples penetração do pênis na vagina.

A possibilidade de uma conversão da "aversão" sobre a sexualidade tomada de consciência é muito alta nas mulheres que vivem num real deslocamento de poder que favorece a mulher, aguçando muitas mulheres que costumam encorajá-la a tranquilizá-la. (Sonia S.: "Estava convencida de que com as palavras nada muda e nada é entendido. Muitas coisas só ficam melhores diante de fatos, como, por exemplo, quando voço se recusa.")

Somente as mulheres que estão num processo ativo de emancipação conseguem discutir com os homens sobre a própria sexualidade. Aumentando a consciência sobre si mesmas, elas existencialmente não dependem da relação com um homem.

*As normas sexuais dominantes ignoram as exigências físicas das mulheres.*

Hoje em dia, é definida como frígida uma mulher que não chega ao orgasmo "vaginal". Esta é a definição oficial da ciência. Mas, ao mesmo tempo, esta mesma ciência sabe (desde o relatório Kinsey) que o orgasmo vaginal não existe. O relatório Kinsey, redigido com rara coerência e sinceridade, baseia-se em entrevistas com 6 mil homens e 6 mil mulheres. E, até agora, o estudo mais amplo sobre as práticas sexuais correntes e baseando-se apenas em números e dados permitiu constatar não existir um orgasmo vaginal, apenas um orgasmo clitorídeo produzido fisicamente através do clítoris. O clítoris é o similar do pênis masculino, o centro erótico do corpo feminino. O relatório Kinsey teve várias partes vetadas, algumas até queimadas. Em todas as edições, houve manipulação de significados e deduções falsas.

A realidade deste trabalho é comodinâmica para as relações humanas cotidianas, especialmente para aquelas entre homem e mulher.

Nos anos 60, Masters e Johnson ("O ato sexual no homem e na mulher") confirmaram a pesquisa de Kinsey com precisos experimentos e observações de laboratório. Eles também chegaram à conclusão não existe um orgasmo vaginal. E um absurdo fisiológico, pois a vagina tem tantas terminações nervosas quanto o intestino, isto é, quase nenhuma. A sua parte principal pode ser operada sem anestesia. As mulheres sabem que não sentem o absorvente OB e que este não tem nenhum efeito erotizante. Na vagina nada acontece.

Oitenta e cinco por cento das mulheres que se masturbam conseguem o orgasmo através do clítoris, sentem instintivamente onde é colocado o seu centro de prazer, mas não têm coragem de impor as próprias exigências contras as normas por elas mesmas assumidas e contra o comportamento dos homens.

"Nestas condições, cresce indefinidamente o número de mulheres e de homens que acatam passivamente a equação orgasmo vaginal = normalidade. A consequência disso é a sensação constante de culpa, remorse e culpa em cada mulher, saudável sob todos os aspectos, que não consegue aquele prêmio tão difícil e "conseguido" (palavras de Mary Jane Shelley, pesquisadora e autora do livro "The nature and evolution of femal sexuality").

Shelley fala de uma "diferença" já na fase pré-natal. Ela lembra que os embriões femininos e masculinos são ligeiramente diferentes no modo de produção do futuro macho. No começo, não existe diferença entre os sexos, mas no ato da fecundação o sexo já está definido, mas num primeiro momento todo embrião é feminino. Só na quinta semana os andrógenos "masculinizam" os órgãos de reprodução do futuro macho. A esta propósito diz: "Embriológica-mente é justo admitir o pênis como um clítoris desenvolvido, o escroto uma vulva dilatada e na libido feminina aquela originária. A literatura deveria reformular o mito de Adão e Eva para todos os mamíferos. Estamos bem longe de querer deduzir uma reversão ideológica e propagandear a natural "superioridade da mulher". Isto significaria acatar a lógica das argumentações biológicas dos homens e golpear qualquer ideia de evolução e emancipação. Mas, numa sociedade que sustenta a superioridade do homem e a inferioridade da mulher, se apegado ao direito "natural" de procriatura, estes detalhes naturalmente têm o seu charme."

Mas todos esses dados não conseguiram abalar nem o mito da inferioridade feminina e nem aquele do orgasmo vaginal. Os mesmos Masters e Johnson, depois de terem demonstrado que não existe o orgasmo vaginal, desmentiram as suas descobertas por causa do uso que delas fizeram. Hoje, organizam verdadeira ginástica pré-coito para os casais com problemas sexuais. E para não frustrarmos ainda as mulheres, colocam os atos mais importantes (contato epitérmico, carícias amorosas e estimulação do clítoris) no jogo sexual preliminar. Para uma sexualidade satisfatória, a mulher não precisa de penetração, mas da estimulação do clítoris, assim como o homem precisa estimular o pênis (e não necessariamente na vagina).

Orgasmo vaginal e monopólio sexual - Mas como se chegou a estabelecer um dogma tão absurdo? Como é possível que uma prática sexual que torna as mulheres frígidas e que para os homens não é, neces-

sariamente, a mais gratificante, adquira tal importância? (Acho que os estímulos oro-genitais e manuais podem ser até mais satisfatórios, para os homens, do que a prática dominante). Parece que na história da humanidade, o contato vaginal não foi sempre o mais importante. Por exemplo, Ernest Borneman descreveu em "Patriarchat" o papel fundamental que teve, na Grécia antiga, o coito anal, tanto nas relações heterossexuais quanto nas heterossexuais.)

O coito, que condensa as mulheres à passividade, para os homens é a prática sexual menos complicada e mais cômoda. É importante que se discuta o significado psicológico que tem para os homens o ato do coito, em si violento. Para muitos, inclusive, a violência é sem dúvida equacionada ao máximo prazer. (Me parece então um sinal de integridade física o fato de que as mulheres se tornaram em grande número, incapazes de viver uma vida sexual satisfatória ao invés de gozar masoquisticamente da sua submissão.)

Nem a tragédia do aborto, nem a friidez feminina, conseguiram abalar o dogma do orgasmo vaginal. As motivações devem ser outras. A minha tese é a seguinte:

Somente o mito do orgasmo vaginal (e da importância da penetração) assegura aos homens o monopólio privado que é a base do monopólio oficial da sociedade masculina.

Isto é, nesta sociedade, na qual as pessoas estão isoladas se não tiverem uma ligação e na qual são obrigadas a procurar calor e afeto através do sexo, as mulheres (assim como os homens) devem se entregar às relações sexuais independentemente da "sexualidade". Se esta sexualidade pode-se exprimir apenas sob o signo da "diferença", se então a heterossexualidade é absolutamente prioritária, mulheres e homens dependem uns dos outros. Aparentemente, o monopólio seria reversível, mas apenas aparentemente.

Uma mulher não tem o direito de existir como ser autônomo. A sua definição é de "ser sexuado". Cada tentativa de emancipação é bloqueada, até que cada mulher, na sua privacidade, se submeta à vontade do homem. E até quando não tiver uma alternativa, nem pode escolher livremente a sua relação.

Este é o ponto principal: o monopólio sexual dos homens sobre as mulheres assegura-lhes também o monopólio econômico (as mulheres só se apaixonam por homens), o monopólio social (dependem da posição social do marido ou do homem) e o monopólio econômico (por amor, as mulheres acatam fazer o trabalho doméstico da graça e trabalhos secundários para equilibrar o orçamento).

Por isso, apenas abalando os fundamentos do monopólio do homem é que os papéis sexuais vacilarão. (Alice Schwarzer)

"Declaramos o estado de gravidez permanente que dará nascimento, talvez um dia, ao monstruoso e ao mutante, a tudo que lhe fizer medo, porque nosso desejo profundo é abalar vossa ordem" (das feministas francesas sobre a morte de Gudrun Esslin)

6 beijo

Quando me chamaram para participar de uma entrevista com André Glucksmann (1) a primeira reação foi recusar. O cara desenvolve o trabalho dele na Europa, na França, tem gente do Beijo por lá e essas pessoas poderiam entrevista-lo levando em conta não só a obra escrita como sua atuação, se sua participação na vida político-cultural francesa. Entrevista-lo no Brasil não seria simplesmente seguir o critério jornalístico da notícia em torno da movimentação (ou não, morte também serve) das celebridades?

Depois lembrei que *La cuisinière et le mangeur d'hommes* (2) levanta muitas questões que me interessam, como a hierarquia que vigora dentro dos partidos ditos de esquerda e que reproduz as divisões de chefia e subordinação do sistema capitalista: a tendência da intelectualidade "de esquerda" (da outra nem se fala) de se arvorar em representante de operário e camponeses; as lutas das minorias como forma de combate ao poder do Estado; as surpresas que os autônomo-eleitos representantes do povo têm quando os exploradores falam eles mesmos de seus problemas, desejos e aspirações; o autoritarismo totalitário de certas formulações teóricas, esquemáticas, que se querem científicas e de validade universal; por aí.

Final, a entrevista já havia sido marcada e resolvi aproveitar para o que me interessava.

Oito horas de uma manhã de domingo linda e quente na beira da piscina do Copacabana Palace. Me ocorrem ligeiramente longas discussões/acusações "de esquerda" sobre a vida de críticos da burguesia, do capitalismo, que desfrutam de conforto do tipo do que nos cercava. Para mim essas acusações são demagógicas, selecionam cuidadosamente, entre os possíveis de serem acusados, os que discordam do eventual acusador, dão a entender que é possível largar a cultura burguesa mediante simples voto de pobreza. Como se o oprimido não continuasse a conviver, a desenvolver seu trabalho, a se comunicar dentro de padrões culturais desenvolvidos pela burguesia para seu uso e sua dominação. Para se viver criticamente isso primeiro é preciso reconhecer que existe. A ideologia não é uma mala facilmente trocada numa estação movimentada).

Nossa conversa começou em torno de um exemplar do Beijo passado, mais precisamente do artigo que o Laymert mandou de Paris e que aqui foi intitulado "Que novos filósofos que nada!" (Julio Cesar Montenegro)

Glucksmann — Não sei como vocês utilizam o termo fascista por aqui mas... na minha família há gente que morreu por causa dos fascistas... para mim é uma coisa grave chamar alguém de fascista. Penso que no Brasil também é uma grave acusação.

Seu jornal diz que sou fascista. Então, por que vocês querem entrevistar um fascista e o que que eu tenho a dizer para um jornal que me considera fascista?

Beijo — O jornal é feito por muitas pessoas, com idéias diferentes, e achamos que as matérias aceitas pela redação devem ser publicadas sem censura, o que inclusive favorece as discussões.

ENTREVISTA COM ANDRÉ GLUCKSMANN E FRANÇOISE VILLIERS



Foto: Antonio Bonifácio

G — Não acho que coisas desse tipo favoreçam discussões. Acho que facilita a ditadura de quem escreveu o artigo sobre o conjunto dos leitores. Não é porque um intelectual brasileiro está em Paris que tem direito de contar mentiras aos leitores brasileiros sem meios de ir a Paris. Há um trabalho jornalístico que consiste não em dizer a verdade mas em tentar dizê-la. E aí então o leitor pode discutir. Nesse artigo não se tenta dizer a verdade, se xinga. O jornalista tem o privilégio de duas páginas e xinga as pessoas. Fascista, na minha opinião, é o pior dos singamamentos.

Com a desculpa de uma discussão livre, dizer qualquer coisa a um leitor que não tem meios de verificar porque não está em Paris, não tem tempo ou dinheiro, não favorece a liberdade de opinião, é uma forma de esmagar o leitor e não de discutir. Chamar de fascista é criminalizar uma diferença de opinião. Na França, na Europa Ocidental, quando um jovem tem cabelos compridos, diz-se que é um terrorista. Aqui, porque não estou de acordo com o senhor que escreveu o artigo, ele me chama de fascista. Dai eu não posso discutir com esse tipo de gente.

E quem me garante que na apresentação da entrevista vocês não vão escrever "ouvimos o fascista e eis o que ele disse"? E que eu posso fazer?

B — Bom, a gente pode dar a entrevista para você ver antes de publicar.

G — Acho o artigo um exemplo típico de colonialismo cultural. Porque transmite para o Brasil — onde as informações são difíceis por causa da ditadura e também por ser longe da Europa — não elementos de debate, mas a opinião de pequenos círculos parisienses. Não há elementos para uma discussão. A prova é que se sou

fascista, por ter escrito *La cuisinière et le mangeur d'hommes*, para que o leitor brasileiro pudesse discutir seria necessário que o autor do artigo desse algumas informações.

A primeira é que, por exemplo, esse mesmo livro que ele chama de fascista, na Alemanha foi prefaciado por Daniel Cohn-Bendit, líder de maio de 68, e que até agora não foi considerado fascista. Então, Cohn-Bendit, que fez um prefácio favorável a meu livro fascista, também é fascista. Atualmente ele trabalha na Livraria Karl Marx, que também deve ser fascista. Isso em relação a meu primeiro livro. O segundo, publicado há pouco tempo, teve a apreciação mais calorosa e mais favorável de Michel Foucault, que o leitor brasileiro conhece. Trata-se também de conhecido fascista.

Ele cita todas as pessoas que são contra mim, pessoas que aliás o leitor brasileiro não conhece, porque basta que seja contra para ser citado, enquanto gente conhecida do leitor brasileiro, como Michel Foucault e Cohn-Bendit, não é citada. Mas mesmo os que ele cita nunca me chamaram de fascista. Isso é contribuição pessoal do redator.

Por outro lado eu sempre disse que a nova filosofia não existia, que era um modo de amalgamar livros extremamente diferentes, alguns dos quais jamais li, pessoas completamente diferentes, algumas das quais jamais vi, e não falar de nenhum livro em particular para falar do fenômeno moda e do fenômeno sociológico em geral. Os que são contra e os a favor falam da moda sem falar dos livros.

Por exemplo, a revista *Time* utiliza os livros unicamente para cultivar a idéia falsa de que na França estaria havendo um antimarxismo, como houve nos anos cinquenta nos Estados Unidos.

O antimarxismo nos EEUU nos anos cinquenta consistia em fazer cam-

pos de concentração para prender comunistas. Eu digo que é a fabricação de campos, seja no Oriente ou no Ocidente, que precisa ser condenada.

Prender, torturar os comunistas, é exatamente a mesma coisa que prender os pretensos agentes do imperialismo, da burguesia. Toda vez que se dá a um governo de direita ou de esquerda o poder de prender, de torturar, o resultado é que os que são presos e torturados são sempre os que têm menos poder, os operários, os camponeses, os pequenos intelectuais, os estudantes.

Agora vamos passar à entrevista, porque o tipo de coisa que interessa é, por exemplo, a luta dos estudantes e de outras pessoas no Brasil. Vamos deixar de lado essas questões dos salões parisienses.

B — A cozinha trata de desmascarar as ilusões da esquerda em relação à União Soviética, mas quem esmaga no Brasil não é propriamente a URSS. Qual é, segundo você, a eficácia, digamos assim, de seu livro no Brasil?

G — Depois das minhas conferências na Cândido Mendes, dos artigos da imprensa sobre elas, soube que dois prisioneiros políticos brasileiros haviam pedido para ler Soljenitsin. Foi uma boa notícia para mim. Tenho a impressão de que há um tesouro mundial da resistência às ditaduras. Em toda parte há pessoas que lutam contra as ditaduras, que podem se entender e que cada vez mais se dão conta disso. Por exemplo, um contestador soviético, Bukhivsky, que desde estudante protestava a favor da liberdade, que passou 15 anos nas prisões e nos asilos psiquiátricos da União Soviética, quando saiu de lá — trocado por Luis Corvalan, o secretário-geral do Partido Comunista Chileno, que estava numa prisão de Pinochet — e chegou em Genebra foi entrevistado por um jornalista: "Não lhe incomoda, depois de ser preso e tor-

# beijo

editora boca ltda. maio de 78 n.º 6 Cr\$ 15,00

## VERDADE S.A.

Lá pelas primeiras décadas do século, estive, a título de problemas pessoais e familiares (atendendo a um chamado de meus tios, velhos camponeses incapacitados para o trabalho em função de ferimentos sofridos nos difíceis caminhos da Revolução), por um bom tempo — mais que poderia saber — na União Soviética. Ao me resolver, acreditava ter diante de mim a possibilidade de uma experiência duplamente fascinante: conhecera meus tíncos parentes vivos — de quem tinha apenas umas poucas notícias por cartas — e tornaria contato, **-in loco-**, com a fantástica experiência política soviética, o Estado Operário, a sociedade do futuro. Mas, sem que o soubesse, acabaria pagando caro pela decisão. Em pouco menos de três meses na terra Russa, me veria envolvido em um grave incidente: confundido, não sei por que cargo d'água, com um tipo de nome Berger, estive às voltas com o NKVD por um longo período, até que o verdadeiro Berger fosse descoberto e, reservadamente, o equívoco fosse desfeito.

Esta lamentável experiência não deixou, todavia, de me servir de alguma coisa: foram tempos longos, mas de intenso aprendizado. Por essa época uma das coisas que mais despertou minha atenção e que agora me volta à cabeça (sem que, na verdade, de todo nunca tenha saído), ao escrever estas linhas para o BEIJO, diz respeito à produção e ao consumo da verdade na Rússia de então (e, quicá, na atual). Recordo-me que nas prisões e nos campos, discutia-se ao infinito sobre a distinção entre **pravda** (a verdade) e **istina**, que também quer dizer a verdade. O Russo, não sendo meu idioma materno, a nuance me parecia tudo, menos clara. Ela me foi explicada por um filósofo. O equivalente de **verdade**, **truth** em inglês, **Wahrheit** em alemão, é **istina**, palavra que engloba ao mesmo tempo a noção abstrata de verdade e a realidade concreta à qual se aplica. **Pravda**, pelo contrário, representa um conceito puramente russo, e de uma verdade superior elevada à dignidade da idéia.

Para o NKVD, assim como para o Partido, a verdade expressa por **istina** não existia; era uma noção inteiramente relativa; portanto facilmente modificável. Só a **pravda** era a verdade absoluta. Para mim, como para milhões de indivíduos que não participaram dessa quereia escolástica, era difícil compreender como a vida de tantos indivíduos havia podido ser afetada por



Santiago do Chile, dezembro de 1971

uma distinção puramente filológica. É inegável, entretanto, que essa diferença, aparentemente pequena, tornou-se a fórmula que permitia mudar à vontade o branco em negro. O conceito de **pravda** se havia tornado **fundamento de poder**; não se via nada semelhante desde a Inquisição.

Em 1936, consegui arrancar uma resposta de um dos mais inteligentes de meus interrogadores. "A autenticidade de um fato não tem realmente nenhum valor para o senhor?", perguntei. "O senhor acredita unicamente nessa verdade pré-estabelecida que é a verdade do Partido?" Sua resposta foi cortante: "A **pravda** é o que eu li hoje no editorial da **Pravda** (o jornal), e tudo que não entra nesse quadro não é **objetivamente verdadeiro**. Quanto a suas mesquinhas **istina**, elas não têm nenhum significado."

Agora (já se são 42 anos) volto a pensar nisso, talvez estimulado por alguns diários, periódicos e publicações que me têm chegado às mãos, nestes dias em que começam a se reanudar os debates e as lutas contra o regime militar. (Devo mencionar também a importância de alguns contatos que venho mantendo, reservadamente, com um jovem estudante, filho de um grande amigo meu, hoje desaparecido). Pensar em tanta coisa que nos oferecem como verdades, pequenas e grandes **pravda**, que divulgamos e asseguramos, que nos agarramos absolutamente. A **pravda** e a **Pravda** (formal): a verdade é A Verdade, fundamento de poder; a realidade — "objetiva, tal como ela é" — assegurada pelo espelho angelical do jornal. É difícil compreender a verdade, sua produção, suas relações com o poder... Sim, porque o importante, acredita-se, é que a verdade não está fora do poder nem deixa de tê-lo (ela não é — apesar do mito cuja história e funções pretariam ser retomadas — a recompensa dos espíritos livres, o filho de longas solidões, o privilégio dos que souberam se libertar). A verdade pertence a este mundo; é produzida graças a múltiplas limitações. E detém eleitos regulados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, "sua política geral" da verdade; isto é, tipos de discurso que acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como uns e outros são acionados, as técnicas e os processos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto dos

12 beijo

# EU, HEM ROSA?

O SOL BRILHA PARA TODOS (MENÓS PARA QUEM ESTÁ NA SOMBRA)



Ilustração: L. H. G.

Na entrevista do General João Batista de Figueiredo à Folha de São Paulo, ele afirma que estão mandando hoje os que se revoltaram em 1964 e ganharam:

Folha — O Sr. tem afirmado que pretende aumentar a taxa de democracia do regime. Digamos assim. Esse reforço tem sido assim no Brasil?

Figueiredo — Mas é claro que sim. Alíás, sempre tem sido assim no Brasil.

Folha — Não, General, atualmente é o Executivo quem decide tudo.

Figueiredo — É claro, mas nos exames dentro de uma revolução. O que vocês querem é apagar tudo e dizer: daqui para a frente vamos brincar de democracia. Bem, isso não é possível.

Folha — Contudo, se o Sr. vai ampliar a taxa de democracia e restaurar a independência entre os Poderes, a situação se modifica.

Figueiredo — Vejamos, a Revolução não vai acabar. Toda revolução tem uma fase de legalidade revolucionária. O fato é que fizemos uma revolução em 1964 e ganhamos.

E isso aí. Entre os interesses conflitantes que vivem sob o Estado, mandam os que têm a força organizada de seu lado. E, no caso de conflito, ganha, quem tem mais força.

Representando interesses específicos, há grupos emquanto esta estratégia implica em se apresentarem como árbitros, representantes imparciais de aspirações coletivas. Ai não pode bem dizer de repente "mando porque posso", em vez de "mando porque sou parte de todos".

Daf o Jornal do Brasil manifestar em editorial de 6 de abril sua "perplexidade" com a franqueza do General.

Assim, ent, que o Estado, cercado de inimigos, é o exato da sociedade e a parte da esta ou aquela liberdade como conseqüência da sua segurança. Esta coisa esculpi da formulação política a noção de sociedade e esquece que os Estados se organizam, quando o fazem de forma adequada, sobre princípios e não sobre mecanismos de segurança. Isso porque a segurança decorre dos

princípios e, a falta deles, além de não se ter nada seguro, falta sequer a ética necessária ao ordenamento de uma Nação.

E mais: "A parte do fato de ter a Revolução sido feita em nome da democracia, precipita-se o General quando a relembra e informa que "a ganhamos".

Isort Vamos, nós, a sociedade, organizar o Estado de forma adequada para nós, a sociedade, para que além da ética necessária ao ordenamento de uma Nação (negocio que imagino ser importantíssimo, mas que não me diz absolutamente nada, desculpe), também se tenha tudo seguro para nós, a sociedade. Porque e quem não for nova sociedade atente para isso — "a segurança decorre dos princípios". Pelo menos no momento, para o JB.

O mesmo editorial fala e promete coisas por um coletivo: "Desde já, contudo, deve-se compreender que não parte da sociedade civil a determinação de explodir coisa alguma". Quer dizer, se alguém está a fim de explodir qualquer coisa, que fique sabendo desde já que não pertence aos quadros da sociedade civil do JB.

Mas não é só o influente jornal da burguesia (qual?) que utiliza as formulações abrangendo e mascarando contraditórios interesses. A entrevista está cheia dessas formulações, tanto do entrevistado como dos entrevistadores. Quer ver?

Do General: "O Estado precisa defender a sociedade"; "o povo nunca quer a guerra"; "todo poder emana do povo"; "o povo está preparado para votar"; "o eleitor brasileiro ainda não tem o nível do eleitor americano, do eleitor francês"; todos precisam ceder um pouco".

Dos entrevistadores: "o máximo de segurança para o Estado corresponde ao mínimo de segurança para o cidadão"; "o Estado foi criado pela sociedade para atender a seus interesses"; (mas eleições presidenciais nos Estados Unidos) "o povo todo participa"; "a opinião pública";

Atual o que e "povo"; "opinião pública"; "todos"; "a sociedade"; "o eleitor americano"; "o eleitor brasileiro"; São entidades tão palpáveis como a "mula-sem-cabeça", o "boi-fati", o "saci", "ghomox", "fadas", "zumbis", "bruxas", "elfos"; aos quais se pode atribuir os mais contraditórios desejos. Existem, claro, na cabeça de quem acredita.

E o Aldo Moro, hem, gente? Morro de pena. Mas ele entra aqui para explicitar minha argumentação. Antes, dirigente do mais poderoso partido na Itália tinha a seu lado o aparelho do Estado; os interesses que para ele eram defensáveis estavam ligados a uma coletiva segurança nacional. A tirada de Kennedy: "Não pergunte o que o país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por ele"; provavelmente seria por Moro subscrita, antes. Antes de ser preso pelas Brigadas Vermelhas.

Suas cartas do cárcere, embora mantendo a retórica dos interesses do Estado, colocam como questão central a defesa de sua vida.

Da primeira carta:

"E, de fato, além dos problemas do país, há os problemas que interessam minha pessoa e minha família."

"Pego a vocês que não deixem acontecer o fato terrível de uma decisão de morte tomada por indicação de algum dirigente obcecado por problemas de segurança nacional, sem que cada um tenha avaliado tudo inteiramente, tenha interrogado e ouvido realmente a voz da consciência."

Da quarta carta:

"Qualquer momento pode ser muito tarde. Aqui não se discute um direito abstrato (embora existam normas sobre o estado da necessidade), mas o plano da oportunidade humana e política; se

não é possível dar com realismo, a minha questão, a única solução positiva possível, admitindo-se a libertação de prisioneiros de ambas as partes, atenuando-se a pena dentro de um contexto próprio de um fenômeno político. Manter-se firme, duro, pode parecer mais apropriado, mas uma concessão é não apenas justa, mas politicamente útil."

Da quinta carta:

"Com sua liberdade, seu miramaris, em nome da razão de Estado, a organização estatal condena à morte sem pensar muito sobre, porque existe um estado de detenção que prioritariamente deve ser defendido."

Moro — ainda na pele como as "rações de Estado" podem extinguir um indivíduo real em nome de um hipotético cidadão. Mas tais "rações" continuam servindo a determinados grupos e partindo continuam sendo invocadas como princípios para unir alguns e reprimir outros.

L'Observatore Romano, o jornal do Vaticano, por exemplo, prefere os princípios do governante de antes às aspições do sequestrado de agora "Se Moro tivesse de decidir a partir de seu conceito de Estado, sua responsabilidade e legalidade, como resultado de muitas décadas em política, tampouco aderiria à chantagem".

Sólo, virtualmente participando da direção do Estado, o secretário-geral do PCI, Berlinguer, não precisa considerar sua vida como um bem a ser preservado: "Nenhum bem é mais precioso que este, porque, com a democracia, cada avanço, cada conquista e possível. Mas se se perder a democracia, perde-se tudo. E é esta a ameaça que hoje paira sobre todos nós."

Antigamente se dizia que na União Soviética existia o Estado de todo o povo. Era uma besteira visível para qualquer não crente; como existiam forças de repressão, havia gente a ser reprimida e logo o Estado não era do povo todo. Mas podia se explicar o conceito pelas esperanças despertadas pela Revolução de 1917, etc. Hoje, numa Itália em que nem detém o aparelho de Estado sozinhos, os dirigentes do PCI proclamam: "o Estado somos todos nós".

Essa misificação foi respondida na Itália mesmo pelo romancista Leonardo Sciascia: "Está claramente demonstrado que o Estado não é nosso, de todos, que não nos pertence". Felizmente para nós outros, há divergências mesmo entre os que falam por todos (Julio Cesar Montenegro).

Uma crônica em verso de Laércio Kraeuer, que sentiu o exultamento da intermediária nas negociações Moro-Brigade. Laércio mandou essas duas crônicas ainda da Niterói, pouco antes de se mandar pra Europa.

TRIO TERNURA

eram os três da reforma:  
num canto, ericostados,  
grandes, escuros, as roupas  
avulsas.  
uma barba de voz grave  
e muita cautela nos dedos;  
outra barba, aos berros,  
clamando questões de ordem  
e o terceiro fungava,  
alto, braços de motorista  
na cara bufonesca,  
louco professor (matemática,  
em sala de encapetados);  
funcionava, e com isso seu corpo,  
\*\*aí, a guisa maior que o assento,  
se espartilhava bruscamente;  
os pés compridos, de poeira  
nas sandálias franciscanas,  
por instantes assumiam  
lugar central na reunião  
e a mesa, embora indignada,  
prosseguia com a jogada.

ERRATA 1

O Beijo cafetino

em fuga da inocência perdida, carregados de instrumentos, DE libertação  
horroriza-me o lençol das palavras, teu leito fundamental onde jaz  
qual destroço em mar morto a conformista escrita Da Crítica  
porém a balística jamais (se) libertou  
carta de dissidência  
março 1978 luz renato martins

SITUATION D'Ô QUE HACER \*

hora de panfletagem  
fim de noite sonozinho relax  
o galo grita frente ao sol  
nossa tarefa é convencer  
arautos que somos do alvorecer  
agitação e propaganda  
copperstone é o ideal pra esse banho  
nosso estandarte é nossa voz  
somos as sombras que pensamos?  
estes papéis tão quentes em nossas mãos  
de mão em mão  
o calor, nossas mãos, o  
brotinho que passa, que!  
burdinha, meu bem,  
morte ao capitalismo  
cafezinho no boteco  
espertam secretas?  
revolução, revolução, revolução  
\* ediciones nojo

# ALÔ, ALÔ 325874, CÂMBIO

\* Para 325874 - NERÉ - RJ  
Dx 32415 - LM  
Em 15.05.78 - 14:30 horas  
Uruguaia

78645	89465	84527	13687	14287
91046	90396	24388	00000	40218
00414 T	89711	11887	05487	53279
10009	87003	21110	40111	52330
13134	00YNK	55511	00056	56589

Tudo de bom!

Chegou à redação do Beijo o cabugama que vai aqui reproduzido. Primeiro houve (por que negar?) um certo pânico na turma. Estávamos, sem saber, envolvidos numa trama internacional relacionada com assassinatos de influentes personalidades? Alguém estava nos comunicando nossa morte em código? Pelo amor de santa! Seria uma modernização do jogo do bicho, agora utilizando os computadores, que seriam se enganação de desmatamos? Who knows?

Porém, depois de alguma resposta no que houve de mais a mão. Perguntamos a um beneficiário de apostas de jogo do bicho se tinha algum ver com as últimas extracções dessa toiera. Negativo, foi sua resposta após um tempo que não nos parecia acurado. Depois um arrajo me um amigo de um amigo conseguiu um decodificador que nos forneceu a seguinte solução:

\* Para Neré, Rio de Janeiro

Querida Neré, lamento informar que houve confusão com as jogadas que a Almeida deixou aqui na lavanderia. Caiu água na nossa cópia do rol e aí eu não sei se são cinco toalhas, dois lençóis de vira e cinco cobertores, ou sete fronhas, quatro calções e dois suportes atléticos. Será que você não pode dar uma passadinha por aqui, com a sua cópia do rol, para a gente dar uma conferência? Como vai a Coarua? Do pra ela que as cortinas e estofa prontas. Por enquanto é só, sur, ne. Tudo de bom.

Publicamos a decifração para que a pessoalmente aatamado Neré possa receber o recado que eventualmente veio parar em nossas mãos. Isso no caso de decifração entrar correta. Caso contrário pedimos a algum decifrador que nos ajude.

ERRATA 2

68. que apito você tocava?

Nesta matéria publicada no n.º 5, as gravuras de Antônio Dias, citadas por Mauro Kosta, saíram com os títulos trocados.

**ASSINE DE FATO**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_

Assinatura anual  
**\$ 100,00**

O interessado deve enviar pelo correio cheque nominal, valeado ou depósito em nome de FATO, av. do Comércio 2289 - Fátima - BH - MG - CEP 30000.

+

**arte popular e dominação**

Quilça/Alfarrutios 1957/77



+

**NORDESTE TRILITE & CARTÃO**

Dedico Guedes e Michel Cidon

Apresento Djogbani e Lúcio Antônio

O caso de Roberto Cavalo e Felipe Pineda

Niterói, Bahia e Paraíba Clássicos

**cadernos do nordeste**

Os "Cadernos do Nordeste" têm por objetivo abordar temas e questões que venham a contribuir para o estudo da realidade nordestina. Já saíram os dois primeiros números, 44 pag. assinatura de quatro números Cr\$ 100,00.

Um lançamento **ALTERNATIVA**

=

cadernos do nordeste 2



**FREI DAMIÃO**

Cr\$ ~~185~~  
por Cr\$ **155**

Fazendo uma assinatura dos "Cadernos do Nordeste" mais o livro "Arte Popular e Dominação" você tem um desconto de Cr\$ 30,00. Peça diretamente a editora, enviando cheque ou vale postal a favor de Editora Alternativa Ltda. - Caixa Postal 1.536 - 50.000 -

Contracapa do número 6